

**COLÉGIO SÃO LUÍS**

**ENSINO MÉDIO  
CURSO DE METODOLOGIA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

**Victoria Mello Santos Galbraith Oliveira**

**CRIMES PASSIONAIS NA INDÚSTRIA DA MODA E SUAS RELAÇÕES:  
um estudo por trás dos assassinatos que marcaram esse setor.**

**São Paulo  
2025**

Victoria Mello Santos Galbraith Oliveira

**CRIMES PASSIONAIS NA INDÚSTRIA DA MODA E SUAS RELAÇÕES:  
Um estudo por trás dos assassinatos que marcaram esse setor.**

Artigo apresentado como requisito de aprovação em “Metodologia de Iniciação Científica”, na 2ª série do EM do Colégio São Luís

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Martinho

São Paulo  
2025



*Aos meus pais, as pessoas que eu mais amo, e que sempre me apoiaram e me reconfortaram ao longo do meu trabalho.*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gostaria de agradecer meus pais, Janaina e Christiano, que são as pessoas mais importantes da minha vida, que acreditam em mim e no meu potencial, e independente da circunstância estarão ao meu lado para me aplaudir ou me reconfortar. Obrigada, por tudo que vocês já fizeram por mim e pelo que me ensinaram, vocês são as pessoas mais importantes da minha vida e sempre levarei vocês comigo em todas as situações. Expresso aqui minha admiração por ambos, minhas maiores inspirações, e sem o incentivo de vocês eu não teria forças para prosseguir com a pesquisa. Este trabalho é para vocês e para Babi (que não poderia ficar de fora), minhas pessoas preferidas no mundo todo.

Gostaria de agradecer também as minhas amigas, Maria Clara, Bia, Sophia, Helena e Ana Sofia, que não só deram a ideia deste tema, mas que também me apoiaram e me motivaram quando eu estava surtando pelo trabalho e não me deixaram desistir nem surtar tanto. Obrigada por cada risada e choro, cada memória, cada perrengue. Vocês tornam meus dias melhores e cada momento com vocês é mais especial.

Por último, mas não menos importante, minha orientadora, Silvana, que me ajudou quando eu estava insegura se conseguiria transformar este tema em um trabalho científico, e me redirecionou quando eu não sabia nem por onde e como começar. Graças a você, meu trabalho está muito melhor e mais completo. Agradeço também todo o corpo docente do Colégio São Luís, que forneceram o suporte necessário para realizar este estudo.

De modo geral, gostaria de agradecer profundamente a todos que de alguma forma contribuíram ou me incentivaram ao longo deste ano, pois sozinha e sem apoio eu não teria motivação para finalizar o trabalho. De verdade, obrigada por terem escutado todas as reclamações e me aconselhado quando precisei.

*“Onde há paixão, há também destruição. O preço do desejo é a dor.”*

*- Simone de Beauvoir*

## RESUMO

Este trabalho busca analisar crimes passionais na indústria da moda, focando nos assassinatos de Maurizio Gucci e Gianni Versace, casos emblemáticos que ilustram a complexidade das relações e dinâmicas de poder nesse setor. A partir de estudo de caso e revisão bibliográfica, serão discutidas motivações emocionais, sociais e psicológicas que interveem nesses homicídios, ligando-os a questões como ciúme, ambição e instabilidade afetiva. O trabalho também examina o papel da mídia na construção das narrativas públicas sobre os crimes, que influenciam a percepção social e reforçam estereótipos sobre o ambiente da moda. Com base em autores como Sara Gay Forden (2008), Richard Martin (1998) e pesquisas sobre violência interpessoal, conclui-se que os conflitos passionais não são eventos isolados, mas resultados da interação entre poder, emoção e exposição pública. A análise sugere a necessidade de abordagens para a compreensão desses episódios, destacando o impacto nas famílias e na própria indústria. O presente estudo contribui para o debate sobre violência motivada por paixões em contextos de alta visibilidade e influência, revelando características pouco exploradas da indústria da moda contemporânea.

**Palavras-chave:** crimes passionais, indústria da moda, narrativa midiática, questões psicológicas.

## **ABSTRACT**

This study aims to analyze crimes of passion in the fashion industry, focusing on the murders of Maurizio Gucci and Gianni Versace, emblematic cases that illustrate the complexity of relationships and power dynamics in this sector. Through case study methodology and literature review, emotional, social, and psychological motivations involved in these homicides are discussed, connecting them to issues such as jealousy, ambition, and emotional instability. The research also examines the media's role in constructing public narratives about the crimes, which influence social perception and reinforce stereotypes about the fashion environment. Based on authors such as Sara Gay Forden, Richard Martin, and studies on interpersonal violence, it is concluded that crimes of passion are not isolated events but result from the interaction between power, emotion, and public exposure. The analysis suggests the need for multidisciplinary approaches to understand these episodes, highlighting their impact on families and the industry itself. This study contributes to the debate on violence motivated by passion in contexts of high visibility and influence, revealing little-explored facets of contemporary fashion industry.

**Keywords:** crimes of passion, fashion industry, media narrative, psychological issues.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                    |    |
|------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 – Corpo de Maurizio Gucci sendo retirado do local do crime .....          | 29 |
| Figura 2 – Gianni Versace fechando seu desfile de alta costura de 1991 .....       | 32 |
| Figura 3 – Evening Dress, Versace 1991. ....                                       | 33 |
| Figura 4 – Gianni Versace sendo levado para o hospital após ser baleado. ....      | 36 |
| Figura 5 – Cena do crime do assassinato de Gianni Versace. ....                    | 37 |
| Figura 6 – Perfil de procurado do FBI de Andrew Cunanan. ....                      | 38 |
| Figura 7 – Perita coletando as digitais de Cunanan após ser encontrado morto. .... | 40 |

## SUMÁRIO

|          |                                                    |           |
|----------|----------------------------------------------------|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO.....</b>                             | <b>11</b> |
| 1.1      | HIPÓTESES E OBJETIVO.....                          | 17        |
| 1.2      | METODOLOGIA .....                                  | 18        |
| <b>2</b> | <b>OS ASSASSINATOS.....</b>                        | <b>21</b> |
| 2.1      | A VIDA E A MORTE DE MAURIZIO GUCCI .....           | 21        |
| 2.1.1    | A dinastia Gucci.....                              | 22        |
| 2.1.2    | A ascensão do herdeiro.....                        | 24        |
| 2.1.3    | A queda do dono do império .....                   | 28        |
| 2.2      | A JORNADA DE GIANNI VERSACE.....                   | 30        |
| 2.2.1    | A criação da Versace .....                         | 30        |
| 2.2.2    | O dia da morte .....                               | 35        |
| 2.3      | A RELAÇÃO DOS ASSASSINOS COM AS VÍTIMAS .....      | 40        |
| <b>3</b> | <b>ANÁLISE SOCIAL E MIDIÁTICA DOS CASOS.....</b>   | <b>45</b> |
| 3.1      | FATORES SOCIAIS QUE INTERFERIRAM.....              | 45        |
| 3.2      | CONFLITOS E MOTIVAÇÕES .....                       | 49        |
| <b>4</b> | <b>A MÍDIA E A CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS .....</b> | <b>53</b> |
| <b>5</b> | <b>REFLEXÃO SOBRE OS IMPACTOS.....</b>             | <b>58</b> |
| <b>6</b> | <b>CONCLUSÃO.....</b>                              | <b>61</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS .....</b>                           | <b>63</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

O tema desse estudo corresponde aos crimes passionais envolvendo o mundo da moda. O documentário *People Magazine: Crimes da Moda*, disponibilizado pela Prime Video e HBO Max no ano de 2018 com três episódios, retrata e analisa casos particulares de assassinatos envolvendo ícones da indústria da moda. O material citado conta as histórias de vida e analisam a morte de três renomados nomes: Gianni Versace (1946-1997), Maurizio Gucci (1948-1995) e Linda Sobek (1968-1995).

Maurizio Gucci foi o último herdeiro da marca italiana Gucci e foi assassinado em 27 de março de 1995, aos 46 anos, por um assassino de aluguel contratado por sua esposa. Gianni Versace foi o fundador e diretor da marca Versace, foi morto em 15 de julho de 1997 por um serial-killer. Linda era uma modelo e atriz americana que desapareceu no início de novembro de 1995 e foi encontrada morta no dia 9 do mesmo mês. Seu assassino era um fotógrafo que a agrediu sexualmente e depois tirou-lhe a vida. Para este trabalho, serão estudados os casos de Maurizio Gucci e Gianni Versace.

O assassinato de Linda Sobek não será explorado pois a escolha foi motivada pelo interesse em analisar não apenas os aspectos criminais e pessoais dos assassinatos, mas também o impacto que essas mortes tiveram nas marcas que ambos representavam. O caso de Sobek, embora igualmente relevante, envolve uma dinâmica diferente e não está relacionado a um império da moda, que foge da proposta deste estudo que procura abordar a concordância entre violência, poder e legado na indústria da moda.

No processo do caso Gucci, segundo reportagem da Folha de S. Paulo<sup>1</sup>, além de Patrizia, outras quatro pessoas foram condenadas por estarem envolvidas no crime. Entre elas: Benedetto Ceraulo, o homem que atirou em Gucci e que recebeu pena de prisão perpétua; o condutor do veículo da fuga, Orazio Cicala, condenado a 29 anos de prisão; o agente que intermediou as negociações ligadas ao crime, Ivano Savioni (26 anos) e Pina Auriemma, vidente e amiga de Reggiani (25 anos).

O processo de Cunanan, no entanto, nunca ocorreu porque ele cometeu suicídio após uma intensa busca pela polícia. O procurado estava sob investigação e era considerado um fugitivo quando fora encontrado morto em um hotel em

---

<sup>1</sup> Fonte: Jornal folha de S. Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft04119815.htm>  
Último acesso em 12 de abril de 2025.

Minneapolis. “Até agosto de 1997, quando cometeu suicídio em uma casa suspensa, o FBI havia reunido uma série de informações e perfilamento de Andrew, mas nenhuma tentativa de captura caminhou com êxito (ORTH, 2018 apud RIBEIRO & SANTOS, 2022, p.7).

Crimes passionais, segundo o livro *Curso de Direito Penal* (2010) de Fernando Capez, procurador de Justiça aposentado, professor e advogado, são descritos como aqueles onde o agente realiza um determinado delito sob o domínio de forte emoção ou algo do gênero, de acordo com a verdadeira definição, um sentimento intenso que pode gerar a violência de maneira impulsiva e, ao contrário do amor, a paixão estimula e instiga sentimentos possessivos e de ódio.

É possível entrever os motivos que levam um ser dominado por emoções violentas e contraditórias a matar alguém, destruindo não apenas a vida da vítima, mas, muitas vezes, sua própria vida no sentido físico ou psicológico. Sua conduta, porém, não perde a característica criminosa e abjeta, não recebe aceitação social. (ELUF, 2003 p.112)

Em alguns casos, o autor do crime manifesta sinais de controle, possessividade e violência antes da ocorrência, o que pode indicar um padrão de comportamento abusivo, conforme afirmam as autoras do artigo “*Relacionamentos Abusivos e Manifestações de Violência Contra a Mulher*” da Revista Universo Acadêmico:

“Os maus tratos tanto físicos quanto psicológicos são frequentemente presentes em um relacionamento abusivo. Ao se tratar do abuso psicológico este nem sempre é identificado logo de início pela vítima, uma vez que a romantização do ciúme é algo constante, o que faz com que os abusos sigam cada vez mais frequentes dificultando ainda mais a saída deste.” (RODRIGUES; SOUZA; RODRIGUES; CALVI, 2021, p. 27)

A romantização desses atos é muito presente na cultura popular e contribui para que este tipo de violência perdure, em sua maioria, ainda de acordo com o artigo mencionado, contra mulheres:

“O ciúme ainda é visto como forma de cuidado, de amor, de zelo para com o parceiro, o que não é tão saudável como se parece [...] os ciúmes excessivos não precisam de pautas concretas e sim de fatos que condizem com sua visão distorcida da realidade para tomar suas decisões.” (RODRIGUES; SOUZA; RODRIGUES; CALVI, 2021, p. 31)

Em virtude desta fantasia e idealização, o artigo 121 do Código Penal foi alterado pela lei nº. 13.104/2015, adicionando a categoria feminicídio, além da criação da Lei Maria da Penha em agosto de 2006, já que tais agressões tornam-se cada vez mais frequentes e normalizadas.

O feminicídio é caracterizado como o assassinato de mulheres em razão do gênero, refletindo uma forma extrema de violência que decorre das desigualdades e do preconceito enraizado na sociedade. O artigo De Carmen Campos para a revista “*Sistema Penal & Violência*” da Faculdade de Direito da PUC RS discute o feminicídio como a forma extrema da violência baseada no gênero, entendida não apenas como um ato individual, mas como resultado de relações históricas de dominação masculina e de negligência do Estado diante da agressão contra as mulheres.

A autora destaca que o termo surge de debates feministas e busca visibilizar que essas mortes não são casos isolados, mas expressão de um padrão estrutural de desigualdade, controle e menosprezo sobre o corpo e a autonomia feminina. No Brasil, a tipificação do feminicídio no Código Penal representa uma conquista simbólica importante, pois reconhece essas mortes como violações de direitos humanos.

A violência de gênero é a violência misógina contra as mulheres pelo fato de serem mulheres, situadas em relações de desigualdade de gênero: opressão, exclusão, subordinação, discriminação, exploração e marginalização. As mulheres são vítimas de ameaças, agressões, maus-tratos, lesões e danos misóginos. As modalidades de violência de gênero são: familiar, na comunidade, institucional e feminicida. (LAGARDE, 2007, p. 33 apud CAMPOS, 2015, p. 105)

Dados recentes mostram que o feminicídio permanece um grave problema no Brasil, com aumento nos casos registrados e uma diferença significativa entre mulheres jovens e negras, principalmente dentro do ambiente doméstico, onde as vítimas geralmente são assassinadas por parceiros ou ex-companheiros.

Os principais estudos sobre a Gucci e Versace relatam suas histórias de vida, feitos no mundo da moda e o que os levou a serem vítimas de homicídios. Segundo Sara Gay Forden (2008), em seu livro *Casa Gucci*, na Itália, o nome Gucci estava associado a elegância e estilo, era um exemplo de qualidade, arte e tradição. Parafraseando a mesma, a Itália é berço de grandes nomes no mundo da moda, como Gianni Versace, Giorgio Armani, Salvatore Ferragamo, porém Gucci, dentre todos, era um nome que marcava gerações.

Maurizio nasceu em 1948 e, de acordo com Forden (2008) foi o último da família a administrar a empresa antes que fosse vendida. Tinha uma rotina marcada por luxo, negócios e disputas familiares e abriu seu novo escritório dois anos antes de sua morte, o qual ia todo dia de manhã a pé. Seu avô, Guccio Gucci, fundou a grife em 1921 e seu neto assume em 1989, após a morte de Rodolfo Gucci, seu pai. Após assumir o controle da empresa, dedicava grande parte de seu tempo à gestão da marca e em modernizar a grife, passando seus dias entre reuniões, viagens e eventos da alta sociedade. Apesar das aparências, sua vida pessoal foi conturbada, com conflitos dentro da família e o fim de seu casamento com Patrizia Reggiani.

A autora afirma que o empresário conheceu Patrizia em uma festa e logo começaram a namorar, ela já sabia que o herdeiro estaria presente e sua obsessão por luxo e glamour mantiveram Maurizio em seu radar. Rodolfo não aprovava o relacionamento dos dois e chegou a deserdar seu filho durante de 10 anos, reconciliando-se com o mesmo pouco antes de falecer. Neste período, Maurizio se casou, foi morar na casa de Patrizia, tiveram duas filhas: Alessandra e Allegra, e começou a trabalhar para o sogro em seu negócio de caminhões.

Ainda pela autora, *"Quando era mais jovem, Maurizio procurou Patrizia em busca de apoio e força para enfrentar seu pai. Mas, à medida que ele ganhava poder, se sentia oprimido pelas críticas dela"* (FORDEN, 2008, p. 14). Após uma série de eventos estressantes, Patrizia encomendou a morte de seu marido, posteriormente foi condenada a 30 anos de cadeia e, de acordo com a redação da BBC News<sup>2</sup>, tornou-se uma das mulheres mais odiadas na Itália.

Já Giovanni Maria Versace, também objeto de estudo desta pesquisa, nasceu em dezembro de 1946 na Itália e desde pequeno, teve contato com o meio da moda pela alfaiataria de sua mãe, o que despertou seu talento e interesse pela profissão. Fundou sua grife no ano de 1978 em Milão, junto de seus outros dois irmãos: Santo, que atuou como CEO, e Donatella, vice-presidente e designer que assumiu a direção criativa em 1997 após a morte de Gianni, deixando o cargo em abril de 2025.

Segundo Richard Martin em seu livro *Versace* (1998, p.11), Gianni Versace redefiniu os padrões do vestuário. Ele não buscava padronização ou conformação, em vez disso, associou a moda ao desejo, substituindo a sofisticação tradicional e a

---

<sup>2</sup> Fonte: BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59419332>  
Último acesso em 11 de junho de 2024

moderação do corpo por uma expressão ousada de desejo, luxúria e provocação social.

Versace trouxe o glamour e a extravagância para a moda dos anos 80, marcando sua presença com criações ousadas e vibrantes que celebravam o luxo e a opulência. Suas coleções foram inovadoras e influenciaram a estética da moda da época. (DIAS, 2024, p.3)

Gianni, segundo o artigo *Essência da Moda–Versace* (Duarte, de Brito, Silva, de Paula Morales, & Ramos), tinha como inspiração para suas coleções as artes plásticas, que variavam entre barroco e renascentismo, pop art, o rock’n’roll e o sadomasoquismo. Seu trabalho era repleto de ousadia e sensualidade. A logo da marca é o desenho de uma Medusa, fazendo referência a tradição renascentista italiana e a mitologia, pois ele acreditava que ela representava poder, beleza e atração. Ele escolheu esse símbolo pois, segundo ele, quem olhasse para a figura não conseguia desviar o olhar, da mesma forma que ele queria que as pessoas reagissem ao ver suas criações.

Conquistou muitas celebridades, algumas das quais vincularam seu nome a marca, como por exemplo a cantora Madonna, que exala exatamente o que Gianni usava como inspiração. *“Para Gianni, qualquer cenário precisava ser transformado em espetáculo.”* (Duarte, A. Y. S et al.).

No dia 15 de julho de 1997, um serial-killer, Andrew Cunanan, se aproximou do estilista e baleou-o na nuca duas vezes enquanto ele voltava para sua mansão em Miami. Na época em que foi morto, Versace estava no ponto mais alto de sua carreira, e sua morte chocou o mundo.

O objeto de estudo deste trabalho serão dois casos emblemáticos: os assassinatos de Maurizio Gucci e Gianni Versace, examinando a relação entre crimes passionais e a indústria da moda. O foco é analisá-los, compará-los e entender se eles se encaixam na definição de crimes passionais.

Os homicídios passionais, na maior parte dos casos, ocorrem no ambiente doméstico. De acordo com o Jornal InfoMoney<sup>3</sup>, o Atlas da Violência consta que a cada dia, dez mulheres são assassinadas no Brasil. Foram 3.903 ocorrências em 2023, o maior número registrado desde 2018. Estima-se que um em cada três casos seja de feminicídio. Segundo dados do IBGE, em 2018, enquanto 30,4% dos

---

<sup>3</sup> Fonte: InfoMoney. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/>  
Último acesso em: 14 de junho de 2025

homicídios de mulheres ocorreram no domicílio, para os homens essa proporção foi de 11,2%.

A escolha deste tema foi para compreender como este tipo de crime também se manifesta em ambientes de alta visibilidade e poder, como a indústria da moda. Os casos escolhidos para análise exemplificam como relações afetivas, vaidade, status e ambição podem se cruzar de forma trágica, revelando atos socioemocionais que impactam o coletivo. Assim, contribuem para discussões sobre violência motivada por paixões e desigualdades emocionais em contextos de alta visibilidade e influência.

Em 1995, segundo o *Querido Clássico*<sup>4</sup>, Patrizia Reggiani arquitetava o assassinato de seu ex-marido. Quando Maurizio estava subindo a escada em direção ao seu escritório, um homem entrou no prédio e o baleou diversas vezes. A empresa enfrentava problemas financeiros e depois que o advogado, Domenico de Sole, ajudou a reerguer a empresa, Patrizia foi deixada de lado, e começou a criticar todas as decisões do marido.

De acordo com o diário de Patrizia publicado na forma de um livro lançado em 2022 por sua filha, Allegra Gucci, intitulado *"Fine dei giochi: Luci e ombre sulla mia famiglia"*, 1985 foi o ano da separação, começando um período de disputa pela guarda das filhas e de exclusão das propriedades da família. A tensão se escalou em 1990, quando Maurizio vendeu sua parte da Gucci para a Investcorp e começou a namorar Paola Franchi. Na mesma época, Patrizia descobriu um tumor no cérebro e não teve o apoio do ex-marido da maneira que queria em sua cirurgia. Um tempo depois, mandou uma gravação para ele, dizendo que não o deixaria em paz e que chegou à beira da morte, enquanto ele levava uma vida luxuosa. Na mesma gravação, ela ainda cita que "o inferno para você ainda irá chegar". De acordo com o documentário *Fashion Victim: Last of Guccis* (1998), Patrizia deu uma declaração à imprensa: "Algumas pessoas morrem na cama. Algumas pessoas morrem na rua, mas outras têm o privilégio de serem assassinadas." (Milão, 1998), que foi considerada uma declaração inusitada e, depois de investigações e uma ligação anônima, a polícia descobriu que Patrizia era a culpada por encomendar a morte do ex-marido, e quem mantinha contato com o assassino de aluguel era sua amiga Pina Auriemma. Patrizia então foi julgada e condenada a 30 anos de prisão.

---

<sup>4</sup> Fonte: Querido Clássico. Disponível em: <https://www.queridoclassico.com/>  
Último acesso em 26 de setembro de 2025

Já, o assassinato de Gianni Versace, em 1997, foi cometido por Andrew Cunanan, um assassino em série com histórico de obsessões e desequilíbrios mentais, levantando questões sobre a vulnerabilidade de figuras públicas e as dinâmicas de admiração. Na manhã do dia 15 de julho de 1997, Gianni voltava para sua mansão em Miami após uma saída para tomar café, quando então Andrew se aproxima e atinge o estilista na nuca duas vezes.

Conforme divulgado pelo veículo de notícias do FBI<sup>5</sup>, O autor do crime era um jovem de 27 anos da Califórnia que havia abandonado seus estudos na faculdade. Era muito inteligente, bilíngue e, desde a adolescência, buscava uma vida marcada por luxo, conforto e riqueza. Para complementar sua renda, realizava trabalhos temporários, como a prostituição e se envolvendo em relacionamentos com homens mais velhos, em troca de presentes e dinheiro.

Cunanan era homossexual e já tinha um histórico de outras 4 vítimas, todos homens, e segundo Matthew Soar (Jump Cut (2000): 48-55), três destes eram homossexuais também, incluindo Versace, o que levantou suspeitas de que houvesse alguma relação entre estes fatores. “Cunanan, disseram os criadores de perfis, era um paranoico clássico, e a paranoia é uma doença que se intensifica quando a pessoa passa por estresse, muitas vezes insuportável” (PORTER, 1997, p. 77 apud SOAR, 2000, p. 48-55). Apesar de especulações, não há evidências de que Andrew e Gianni se conheciam antes do crime.

## 1.1 HIPÓTESES E OBJETIVO

No universo da moda, marcado pela busca incessante por status e prestígio, surgem dinâmicas intensas e complexas que frequentemente permanecem ocultas aos olhos do público. Este ambiente favorece o surgimento de crimes motivados por questões emocionais, reflexo das tensões disfarçadas. Os assassinatos de Gianni Versace e Maurizio Gucci ilustram essa realidade, não apenas como tragédias pessoais, mas também como símbolos de rupturas na estrutura da indústria da moda. Segundo a análise de Sara Gay Forden (2008), a luta pelo controle dentro da família

---

<sup>5</sup> Fonte: FBI News. Disponível em: <https://www.fbi.gov/news/stories/serial-killers-part-6-andrew-cunanan>  
Último acesso em: 26 de setembro de 2025

Gucci desencadeou traições e fatalidades, evidenciando uma estrutura empresarial moldada pela ambição.

De maneira complementar, Richard Martin (1998) destaca a tensão constante entre o artista e o mercado, ressaltando que o reconhecimento público frequentemente esconde um cenário de isolamento e fragilidade emocional. A partir dessas análises, se estabelece a hipótese central deste trabalho: as relações interpessoais na indústria da moda se tornam especialmente complexas devido à constante presença de interesses financeiros, disputas de ego e vínculos afetivos, fatores que criam um cenário propício para o surgimento de conflitos com consequências potencialmente violentas e carregadas de emoção.

Essa complexidade nas relações destaca, em especial, a ânsia por controle, que, quando combinada a laços afetivos e pressões externas, pode aumentar significativamente o risco de crimes passionais. O contexto da moda, caracterizado pelo glamour, poder e visibilidade, expõe os protagonistas a uma vulnerabilidade única. A alta exposição pública, aliada à influência dessas figuras, atrai frequentemente pessoas emocionalmente desequilibradas, alimentando idealizações e rivalidades. Dessa forma, uma segunda hipótese é formada: o poder e a visibilidade no universo da moda ampliam a vulnerabilidade de seus protagonistas a conflitos passionais com desfechos trágicos.

Além disso, este estudo aborda a forma como a mídia construiu a imagem pública desses assassinatos, influenciando percepções e reforçando uma visão do ambiente da moda como um espaço tóxico, marcado por disputas internas. Por fim, a terceira hipótese parte da ideia de que a construção midiática não apenas reflete, mas também reforça os padrões que vinculam poder, violência e romantização, moldando a percepção pública sobre a indústria.

O objetivo geral desta pesquisa, utilizando a metodologia de estudo de caso, é analisar profundamente os fatores que influenciaram os crimes envolvendo Maurizio Gucci e Gianni Versace, identificando padrões comportamentais, contextos específicos e a construção narrativa em torno desses eventos. Essa análise visa oferecer uma reflexão sobre as relações interpessoais e as dinâmicas de poder, assim como os impactos do glamour e da exposição sobre a vulnerabilidade neste setor.

## 1.2 METODOLOGIA

Como metodologia de pesquisa para buscar corroborar ou refutar as hipóteses apresentadas, foi escolhido o estudo de caso, que consiste em uma análise de situações em seus contextos reais.

O Método do Estudo de Caso tem sido amplamente utilizado em muitos estudos de campo em situações nas quais o fenômeno estudado não pode ser manipulado, mas onde é possível se fazer observações diretas, entrevistas sistemáticas e mesmo levantamentos, especialmente quando se procuram explicações aprofundadas sobre o fenômeno estudado. [...] Este método tem tido um uso extensivo na pesquisa social, [...] além de ser usado para a elaboração de teses e dissertações nestas disciplinas. (BRESSAN, 2000 apud FECAP, 2000, p.1)

O método definido é adequado pois permite analisar a interação entre fatores afetivos, sociais e midiáticos presentes nos crimes, observando a complexidade contextual envolvida.

Para este, serão investigados dois dos casos mais emblemáticos: os assassinatos de Maurizio Gucci e Gianni Versace. A escolha destes casos se justifica não apenas pela relevância das figuras envolvidas, mas também pelo impacto simbólico que esses crimes tiveram sobre a percepção pública e na indústria em si.

A análise será dividida em sessões e subseções, as quais correspondem aos objetivos propostos. No primeiro capítulo, será realizada uma investigação detalhada dos casos escolhidos. Como meio de estudo, o documentário *People Magazine: Crimes da Moda*, será a principal fonte de informação, juntamente de jornais e revistas como *Forbes*, *CBS News*, *Folha de S. Paulo*, *People Magazine*, entre outras. A partir desta interpretação, será tratada a questão de como as relações pessoais e profissionais se constituíram nos dois casos, evidenciando como a forte exposição pública pode abalar os limites entre o íntimo e o profissional. Também pretende-se compreender como as dinâmicas dessas relações contribuíram, direta ou indiretamente, para os desfechos que cada caso teve.

Um dos focos centrais deste trabalho será a comparação entre cada um dos assassinatos. Embora ambos os crimes envolvam grandes figuras da moda e tenham tido o mesmo desfecho, suas motivações e circunstâncias foram claramente distintas. O estudo buscará identificar pontos similares e desiguais, como por exemplo os vínculos dos assassinos com as vítimas.

O segundo capítulo será dedicado à identificação dos elementos que contribuem para a ocorrência desses crimes, examinando fatores sociais, psicológicos

de cada autor, além de traços como possessividade, insegurança, entre outros. O papel da mídia na construção da imagem de cada ocorrência também será discutido, comentando a influência da cobertura jornalística na percepção pública, com ênfase na construção das imagens das vítimas e dos assassinos.

Por fim, no terceiro capítulo, haverá uma reflexão sobre os impactos que cada um dos casos teve, que não só ressignificaram o setor da moda, como também alteraram a percepção do público em relação à essa indústria. Ainda, no último capítulo e considerações finais, será debatido como o glamour e o poder associados a esse universo podem aumentar a vulnerabilidade dos envolvidos.

A construção da imagem, a constante exposição midiática e as exigências sociais moldam um ambiente em que conflitos emocionais e profissionais tendem a se intensificar. A análise buscará demonstrar que, figuras como Gucci e Versace estavam inseridas em contextos que favoreciam o surgimento de relações tóxicas e desequilíbrios afetivos.

## 2 OS ASSASSINATOS

No primeiro capítulo, será realizada uma análise aprofundada dos casos selecionados, sendo a principal referência o documentário *"People Magazine: Crimes da Moda"*, disponível na Prime Video e HBO Max, focando nos episódios 1 e 3 que abordam os assassinatos de Maurizio Gucci e Gianni Versace. De maneira complementar, também serão utilizadas informações extraídas de veículos jornalísticos e revistas como *Forbes*, *CBS News*, *Folha de S. Paulo* e *People Magazine*. Através dessa fonte diversificada, o estudo abordará detalhadamente como as relações pessoais e profissionais se desenvolveram em cada caso, ressaltando como a exposição pública desses indivíduos pode comprometer a fronteira entre a vida privada e os aspectos profissionais.

Além disso, o capítulo buscará compreender de que maneira essas complexas dinâmicas influenciaram, tanto direta quanto indiretamente, o desfecho trágico de ambos os episódios, destacando os fatores emocionais e sociais envolvidos.

### 2.1 A VIDA E A MORTE DE MAURIZIO GUCCI

Maurizio Gucci foi um empresário italiano, neto do fundador da famosa grife, que assumiu o controle da companhia após a morte de seu pai, Rodolfo Gucci. Seu legado é um misto de ambição e conflitos que culminaram em sua trágica morte em 1995, a mando de sua ex-esposa, Patrizia Reggiani. Este capítulo visa explorar os eventos que marcaram sua trajetória, desde sua ascensão ao comando da Gucci, até os acontecimentos que levaram ao seu assassinato, revelando o lado obscuro da herança e do poder na moda.

Na época, os noticiários apenas publicavam sobre o assassinato. O ocorrido foi chamado de *"the trial of the century"* pela BBC News<sup>6</sup>. Em uma entrevista realizada pela The Guardian<sup>7</sup> com Patrizia Reggiani, ela disse: "I was angry with Maurizio about many things. But losing the family business was stupid. It was a failure. I was filled with

---

<sup>6</sup> Fonte: BBC News. Disponível em: <https://www.bbc.com/audio/play/w3ct5yqt>  
Último acesso em: 21 de agosto de 2025

<sup>7</sup> Fonte: The Guardian, Disponível em: <https://www.theguardian.com/fashion/2016/jul/24/the-gucci-wife-and-the-hitman-fashions-darkest-tale>  
último acesso em: 26 de agosto de 2025

rage, but there was nothing I could do”. Patrizia também afirma: “We were a beautiful couple, and we had a beautiful life”. Patrizia comenta que não gosta de falar sobre o assunto, e que aquele período foi apenas um pesadelo.

### 2.1.1 A dinastia Gucci

Segundo o livro previamente citado de Sara Gay Forden (Casa Gucci, 2008), o império Gucci começou com Guccio Gucci no final do século XIX. Seus pais estavam à beira da falência da confecção de chapéus, quando ele saiu de casa e conseguiu emprego no hotel The Savoy, em Londres, onde ficou impressionado com o luxo dos hóspedes. “*Seu salário era baixo e o trabalho era árduo, mas ele aprendia rápido e a experiência deixou marcas pela sua vida.*” (FORDEN, 2008, p. 21).

Ainda por Forden, após deixar o Savoy, trabalhou na empresa de trens Wagons Lits, viajando pela Europa e observando costumes e bagagens. Quatro anos depois, retornou a Florença com economias. Casou-se em 1902 com Aida Calvelli, costureira e filha de alfaiate, adotou o filho que Aida tivera com outro homem e juntos tiveram cinco outros filhos: Grimalda (1903), Enzo (falecido na infância), Aldo (1905), Vasco (1907) e Rodolfo (1912).

De volta a Florença, Guccio trabalhou em antiquário, depois em empresa de couros, onde tornou-se gerente. Serviu como motorista na Primeira Guerra e, após, foi gerente da Franzi, em Roma, mas sonhava abrir seu próprio negócio em Florença. Em 1921, alugou um espaço na Via della Vigna Nuova e, com economias e um empréstimo, fundou a Valigeria Guccio Gucci, que mais tarde tornou-se Azienda Individuale Guccio Gucci.

Era localizada próxima à sofisticada Via Tornabuoni, que atraía clientela refinada. Inicialmente revendia artigos de couro europeus, mas passou a encomendar peças exclusivas e a produzir em sua própria oficina. “Ele aspirava à elegância e vestia-se impecavelmente com camisetas finas e ternos bem cortados.” (FORDEN, 2008, p. 22). Com isso, a loja prosperou rapidamente.

Anos depois, Guccio expandiu para um estúdio maior no Lungarno Guicciardini, com 60 artesãos. Seus filhos participaram do negócio: Aldo no comércio, Vasco na produção, Grimalda no balcão e Rodolfo seguiu carreira artística. Guccio, rígido na criação, “Ele tinha uma personalidade muito forte e ordenava respeito e distância” contou Roberto Gucci, um de seus netos.” (FORDEN, 2008, p. 23).

Ugo, filho de Aida, não se interessou pelo negócio. Empregado por um cliente do pai, sustentava uma namorada em segredo e, sem dinheiro para ajudar a quitar as dívidas do padrasto, roubou 70 mil liras do patrão. Entregou-o 30 mil, que enfrentava dificuldades financeiras, mas o episódio agravou a crise da família, levando Guccio a considerar fechar a loja, a menos que um milagre surgisse.

O tão esperado milagre chegou graças ao noivo de Grimalda, que lhe emprestou dinheiro. A melhora nos negócios fez com que Guccio encorajasse seus funcionários a produzir peças originais. Ele selecionou uma equipe qualificada, verdadeiros artistas que trabalhavam com couro. O sucesso fez com que ele expandisse completamente, e a loja mudou de endereço diversas vezes.

Aldo se empenhou cada vez mais nos negócios da família. Casou-se com uma das clientes e teve três filhos: Giorgio (1928), Paolo (1931) e Roberto (1932). Já Rodolfo, que sempre foi apaixonado pelo cinema, investiu na carreira e casou-se com uma mulher a qual havia feito par romântico em um dos primeiros filmes falados. Em 26 de setembro de 1948, Nasce Maurizio Gucci, cujo nome era em homenagem ao apelido artístico do pai (FORDEN, 2008, p. 29).

Em 1935 com a invasão de Mussolini, a empresa foi diretamente impactada, resultando na falta de couro para a importação. Guccio, para evitar o colapso da companhia, tomou o mesmo rumo de seu vizinho Salvatore Ferragamo e começou a produzir sapatos para o exército com couro de novilhos tratados com gordura de peixe, ou *cuoio grasso*, que virou a marca registrada da Gucci. Introduziu outros materiais e logo criou a assinatura da empresa, o G duplo.

Um ano antes da Segunda Guerra Mundial, a Gucci abre uma filial em Roma, em um dos prédios mais luxuosos. Durante o conflito, a família se dispersou, e quando retornaram à loja de Florença, o estabelecimento estava isolado por conta da queda das pontes graças aos bombardeiros. Ugo se reúne com seu pai adotivo e aceita abrir uma confecção de finas bolsas, que também fornecia produtos para a Gucci. Com os negócios crescendo e a indústria cinematográfica caindo pós-guerra, Rodolfo também volta aos negócios familiares.

Em um estudo feito por uma aluna da Universidade de São Paulo, o caçula e sua família são enviados em 1951 para gerenciar uma nova loja Gucci em um dos picos de compras e lojas de grife em Milão. Contrataram joalheiros, artesãos e alfaiates, e com o tempo, as lojas foram se expandindo cada vez mais. Percebendo que os americanos eram seus maiores clientes no pós-guerra, uma filial é aberta em

Nova Iorque em 1953. Duas semanas depois, Guccio falece, porém a empresa foi dividida entre os filhos homens e não parou de expandir (ARAUJO, 2020, p. 52).

Sob a direção de Aldo, que dividia seu tempo entre os EUA e a Itália, a Gucci aproveitou o cenário econômico dos anos 1960 para expandir internacionalmente, inaugurando lojas em cidades estratégicas como Londres, Paris, Bruxelas e Palm Springs. Enquanto o mercado americano privilegiava a produção em massa pelo sistema *ready-to-wear*, a Gucci se destacou ao oferecer artigos que transmitiam status e exclusividade. Nas lojas, o novo responsável colocou placas onde se lia: “a qualidade é lembrada muito tempo depois que o preço é esquecido” (FORDEN, 2008, p. 42). Paralelamente, Rodolfo desenvolvia produtos com materiais nobres, como couro de crocodilo e fechos de ouro, conquistando atrizes e celebridades da época.

Com a empresa em crescimento, os filhos de Aldo também começaram a assumir papéis importantes. Roberto, após experiência em Nova York e Bruxelas, retornou a Florença para criar o setor de pós-venda, solucionando problemas ligados aos produtos. Giorgio, por sua vez, passou a gerenciar a loja de Roma e, junto à sua segunda esposa, fundou a Boutique Gucci. Essa loja era voltada ao público jovem, oferecendo acessórios mais acessíveis e até uma linha própria, buscando atrair novos consumidores.

Apesar da inovação, a nova inauguração não foi bem recebida pelo restante da família, mas em 1972, a loja acabou sendo incorporada pelo grupo. Paolo dedicava-se ao trabalho na fábrica de Florença, sob supervisão de Vasco, participando da base produtiva da empresa. Assim, a década de 1960 consolidou a expansão internacional da Gucci, fortaleceu sua imagem e inseriu a nova geração da família na gestão, ainda que marcada por divergências quanto aos rumos da marca.

### **2.1.2 A ascensão do herdeiro**

Quando Maurizio tinha 35 anos, seu pai faleceu. De acordo com Forden (2008, p. 113), a morte de Rodolfo foi uma mistura de libertação e choque para o herdeiro, já que ele tratava seu filho de maneira autoritária e mantinha-o sob controle estrito. Maurizio raramente pedia algo ao pai, e quando precisava de dinheiro recorria a secretária ou ao motorista. Mesmo adulto, ainda se rendia quando Rodolfo estava no mesmo ambiente, e sua única rebeldia fora ter se casado com Patrizia Reggiani.

"Tenha cuidado, Maurizio", berrava Rodolfo. "Eu recebi informações sobre essa garota. Não gosto nem um pouco do jeito dela. Disseram que ela é vulgar, ambiciosa, uma alpinista social que não tem nada em mente a não ser dinheiro. Ela não é garota para você Maurizio.", Maurizio lutou para manter sua compostura, mudando o peso de seu corpo de um pé para o outro com desejo de sair correndo da sala. Ele odiava confrontos, e ainda mais com seu pai dominador. "Papâ", ele disse, "não posso deixá-la. Eu a amo." "Amor!", bufou Rodolfo. "Não estou falando de amor e sim de ela querer pôr as mãos em nosso dinheiro. Mas ela não vai conseguir! Você tem de esquecê-la! [...] Maurizio lutou contra as lágrimas de raiva. "Desde que a *mamma* morreu, você não pensa em mim!", explodiu. "Só se preocupa com negócios [...] Apenas queria que eu me tornasse um robô para obedecer a suas ordens. Mas agora não, papai! Vou me casar com Patrizia, goste você ou não!". Rodolfo, perplexo, observou seu filho. Tímido, dócil, o jovem Maurizio nunca havia respondido ao pai antes. Ele viu o filho virar-lhe as costas, sair da sala, e subir as escadas com uma determinação jamais vista. Maurizio tinha decidido fazer as malas e deixá-lo. Não adiantaria mais argumentar com seu pai; ele não iria desistir de Patrizia. Cortaria relações com Rodolfo. (FORDEN, 2008, p. 53)

Pelas palavras de Forden (2008), Patrizia Reggiani nasceu em 2 de dezembro de 1948, em uma família humilde na pequena cidade de Vignola, perto de Milão. A ausência do pai biológico e o trabalho da mãe como garçonne deixaram marcas na infância de Patrizia, mas a vida dela mudou radicalmente quando, aos 12 anos, sua mãe casou-se com Ferdinando Reggiani, empresário rico da área de transportes. Patrizia passou a frequentar a alta sociedade, sendo introduzida a um universo de luxo e poder.

Foi numa dessas ocasiões, em uma festa da alta sociedade em 23 novembro de 1970, que conheceu Maurizio Gucci, herdeiro da famosa marca fundada por seu avô. Na época, ele tinha 22 anos e ela 21. Maurizio não conseguia tirar os olhos de Patrizia, e perguntou quem era ela para um amigo (FORDEN, 2008, p. 54) Durante a noite, dançaram, conversaram, e os laços foram cada vez mais se firmando. Ambos se apaixonaram perdidamente um pelo outro.

Segundo Sara Gay Forden (2008), Patrizia sempre foi ambiciosa e determinada, demonstrando um fascínio pelo luxo e pelo prestígio que seriam fundamentais para sua decisão de se casar com Maurizio. Apesar da oposição inicial da família Gucci, especialmente de Rodolfo, pai de Maurizio, que diagnosticava nela uma interesseira e alpinista social, que não era digna de se casar com Maurizio, eles prosseguiram com a união (FORDEN, 2008, p. 112).

O relacionamento foi inicialmente ia muito bem e era marcado por uma vida de luxo e viagens pelo mundo, segundo o documentário da *People*. O casal estabeleceu-se em uma cobertura na Quinta Avenida, em Nova York, teve propriedades no México

e nos Alpes, e usufruía do maior iate de madeira do mundo, vivendo rodeado por ostentações típicas da alta sociedade europeia. O casamento teve duas filhas, Alessandra, nascida em 1977, e Allegra, em 1981.

Porém, apesar da aparente felicidade, os conflitos começaram a se mostrar à medida que Maurizio assumia um papel cada vez mais significativo no controle da Gucci após a morte do pai em 1983. Forden aponta que enquanto Maurizio buscava apoio em Patrizia para enfrentar as pressões familiares, ela, por sua vez, ansiava pelo controle da empresa e pela manutenção de seu status (FORDEN, 2008, p. 143).

Maurizio, que até então era visto como filho de um homem rigoroso, ganhou 50% das ações da Gucci e assumiu a presidência, iniciando uma série de transformações dentro da empresa. Entretanto, sua forma de liderança e a resistência de membros da família e executivos criaram um ambiente de luta interna e instabilidade. Segundo Forden (2008, p. 198), Maurizio entrou em discussões com seu tio Aldo, que via o sobrinho com desdém e buscava manter seu próprio controle sobre a marca. O filho de Rodolfo, descrito como discreto e reservado, procurava modernizar a Gucci com novas visões, porém não eram bem-vistos. O casamento com Patrizia, que inicialmente parecia ser um suporte, não contribuiu para amenizar essas tensões, mas as ampliou. Patrizia, conhecida pela forte personalidade, exercia influência não apenas em casa, mas tentava intervir nas decisões da marca, criando um duplo conflito.

A separação dos dois foi consequência natural dessa crescente tensão. Maurizio começou a namorar Paola Franchi, uma designer de interiores, que Patrizia viu como uma traição. Ela passou a cultivar um rancor profundo, e conforme apontado pelo jornal *El País*<sup>8</sup>, por volta do início dos anos 90 foi submetida a uma cirurgia para retirada de um tumor cerebral, o que alterou significativamente sua personalidade, tornando-a mais instável e obsessiva.

Os anos 80 e 90 foram marcados por intensas disputas pelo poder dentro da Gucci, uma empresa que, apesar de sua história ilustre, enfrentava uma concorrência agressiva e um mercado em rápida transformação. Maurizio buscou revitalizar a marca investindo em coleções modernas e contratando o estilista Tom Ford, tentando reposicionar a Gucci como uma marca competitiva globalmente. Contudo, sua força

---

<sup>8</sup> Fonte: Jornal El País. Disponível em: <https://english.elpais.com/culture/2022-03-15/allegra-gucci-opens-up-about-her-fathers-murder-my-mother-is-attracted-to-darkness.html>

Último acesso em: 4 de setembro de 2025

era limitada pelos conflitos internos e pela interferência da família, além de problemas financeiros que levaram à decisão de vender a empresa para o fundo Investcorp em 1993, pondo fim à gestão direta da família (FORDEN, 2008, p. 210).

A pressão vivida no casamento e na família, aliada à crescente perda de influência na Gucci, acentuou os conflitos entre Patrizia e Maurizio. O divórcio, oficializado em 1991, assegurou a Patrizia uma pensão anual de aproximadamente 500 mil euros, garantindo sua estabilidade financeira, mas não a satisfação psicológica e social. A ex-esposa passou a nutrir um rancor profundo contra Maurizio, manifestando de forma pública e intensa seu desejo de vingança e sua frustração por ter perdido o controle que experimentava durante o casamento. Forden (2008, p. 265) relata que Patrizia não escondia sua animosidade, chegando a expressar entre conhecidos e para a imprensa sua intenção de que Maurizio “pagasse caro” pelo afastamento.

Nesse cenário, Maurizio buscava preservar sua nova vida pessoalmente, investindo seu tempo e energia no novo relacionamento, enquanto lidava com os problemas empresariais e a instabilidade emocional causada por seu divórcio conturbado. Patrizia, por sua vez, mantinha um comportamento hostil, usando meios sociais e midiáticos para exercer pressão e prejudicar a imagem do ex-marido.

O ápice dessa batalha ocorreu em 27 de março de 1995, quando Maurizio Gucci foi assassinado a mando de Patrizia. O crime, executado nas escadarias do edifício onde Maurizio trabalhava em Milão, chocou o mundo da moda e evidenciou a intensidade dos conflitos que moviam a poderosa família. O assassinato quebrou a aura de glamour e prestígio associada à marca, expondo o lado sombrio de uma família marcada pela luta de poder e controle.

As investigações apontaram rapidamente Patrizia como a responsável por encomendar o assassinato, e sua posterior prisão em 1997 e condenação repercutiram mundialmente, conferindo à socialite o apelido de “viúva negra”. Sua personalidade e ambições foram amplamente debatidas, refletindo as enigmáticas e perigosas relações de poder que envolvem dinastias familiares ricas (VEJA<sup>9</sup>, 2021).

O impacto do assassinato causou um abalo profundo na Gucci, que passou a ser controlada por investidores externos, marcando o fim do domínio familiar. Sara Gay Forden (2008, p. 315) comenta que essa mudança representou um divisor de águas

---

<sup>9</sup> Fonte: Revista Veja. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/e-tudo-historia/casa-gucci-a-verdade-sobre-a-guerra-em-familia-que-terminou-em-tragedia/>

Último acesso em: 4 de setembro de 2025

na história da grife, simbolizando a passagem de uma gestão emocionalmente ligada ao clã para uma empresa gerida por estratégias corporativas e profissionais.

As consequências do divórcio e do assassinato afetaram diretamente as filhas do casal, Alessandra e Allegra, cujas vidas foram marcadas pela exposição da mídia e o peso do legado familiar. Cresceram lidando com a pressão e os conflitos públicos que envolvidos na história pessoal dos pais. (FORDEN, 2008, p. 289).

### **2.1.3 A queda do dono do império**

Segundo o documentário *People Magazine: Crimes da Moda*, na manhã de 27 de março de 1995, Maurizio caminhava confiante para seu escritório na Via Palestro em Milão, aos 46 anos de idade e um patrimônio de cerca de US\$100 milhões. Estava no auge da fama e vivia animado, sua prima Patrizia Gucci relata que era divertido, simpático e tinha um bom coração.

Quando chegou no prédio, por volta das 8h30 da manhã (FORDEN, p. 13), deu bom dia ao porteiro, Giuseppe Onorato: “Era uma adorável manhã de primavera, muito quieta. O Sr. Gucci chegou carregando algumas revistas e falou bom dia”, diz o homem em uma entrevista ao *The Guardian*. Ele não reparou no homem desconhecido de cabelos longos escuros que estava atrás do mesmo.

Segundo o documentário da *People Magazine*, o porteiro levantou a cabeça enquanto varria e reparou em um homem do outro lado da rua que já tinha visto pela manhã, assim que abriu as portas do prédio. Estava parado ao lado de um carro verde estacionado um pouco longe do edifício. Segundo Onorato, estava barbeado e bem-vestido, usava um sobretudo e apenas olhava para baixo, como se estivesse esperando por alguém. Desde que duas bombas haviam explodido e matado cinco pessoas naquela rua em julho de 1993, o zelador vivia em alerta. O ataque havia sido relacionado com outro feito em Florença, envolvidos com a máfia. Giuseppe registrava tudo o que via, caso viesse a acontecer novamente.

*Figura 1 – Corpo de Maurizio Gucci sendo retirado do local do crime*



Fonte: Casa Gucci, 2008, p. 404.

O atirador viu que tinha uma testemunha, e atirou duas vezes em direção a Onorato, mas apenas o atingiu no braço. Enquanto o assassino fugia, espectadores locais relatavam a polícia que Maurizio Gucci havia sido baleado. Os oficiais e a imprensa se espalharam por toda a Via Palestro. “Foi um crime violento e sem precedentes que aconteceu numa cidade como Milão. Não é uma cidade em que pessoas são baleadas.” Afirma Sara Gay Forden, em entrevista ao documentário da *People Magazine*, no episódio 1: “O Assassinato de Maurizio Gucci”.

A filha de Maurizio, Allegra, correu para o local emocionada e abalada. Todos estavam em choque. Quando o promotor público de Milão interrogou o porteiro, percebeu imediatamente que não foi um assassinato aleatório. Ele era um assassino profissional que matava à sangue frio.

O investigador acreditava que fosse uma morte encomendada, mas não tinham nenhuma ideia de quem poderia querer Maurizio Gucci morto. Começaram então a investigar os precedentes da família Gucci, já que era de conhecimento público que a família tinha conflitos internos a há décadas. Maurizio era o mais esperto dos parentes, e em meio aos processos e vinganças, era o que se dava melhor. Começaram então a estudar a família desde o berço da dinastia.

Depois de uma longa investigação, determinaram os sócios e o crime organizado não tinham nada a ver com o assassinato. Mas sim, que a autora do crime era sua ex-esposa, Patrizia Reggiani, com a ajuda de sua amiga Pina Auriemma. Ambas foram posteriormente julgadas e condenadas.

## 2.2 A JORNADA DE GIANNI VERSACE

Versace iniciou sua carreira inspirado por sua mãe, que era costureira. Ele entendeu a moda como uma forma expressiva, e não apenas como estética. Nos anos 1980, Milão tornou-se o palco de sua ousadia criativa. O estilista converteu vestimentas em verdadeiros espetáculos pop, unindo referências clássicas a elementos urbanos e sensação de espetáculo midiático. Como descreve o *The Guardian* (2016), “Versace revolucionou a moda, colocando-a no centro de um novo sistema solar de celebridades e transformando roupas em cultura pop”.

Além disso, o legado simbólico de sua estética foi amplamente estudado em contextos acadêmicos. No artigo *A Study on Gianni Versace's Idea Source for Fashion Design* (2011), que analisa o desenvolvimento de design criativo e característico, explorando as influências criativas de Versace, os autores Yun-Jeong Oh e Ji-Young Kim mostram que Versace se inspirou em quatro épocas-chave: classicismo, bizâncio, barroco e os anos 20 e 30, além de referências ao balé, rock 'n' roll e pop art.

Essa criação e construção de imagem foi interrompida em julho de 1997, com o assassinato de Gianni em frente à sua residência em Miami. Esse evento não foi apenas um choque familiar, mas um marco que colocou em evidência a relação entre fama e a vulnerabilidade.

### 2.2.1 A criação da Versace

Giovanni Maria Versace nasceu em 2 de dezembro de 1946, em Reggio Calabria, no sul da Itália. Segundo a *Revista Elle*<sup>10</sup>, foi criado com seus dois irmãos, Santo e Donatella, por sua mãe Francesca. Filho de uma família modesta, a mulher era costureira e tinha sua própria boutique, já seu pai, Antônio, era vendedor de eletrodomésticos.

Ainda pela revista, Gianni cresceu observando sua mãe costurando e produzindo roupas e foi ali, ainda criança, que começou a aprender sobre moda, prestando atenção no cuidado, o corte preciso e o modo como cada peça se formava nas mãos da mãe. Esse contato com o universo da alfaiataria lhe proporcionou habilidades técnicas e uma sensibilidade estética que futuramente seriam essenciais.

---

<sup>10</sup> Fonte: Revista Elle. Disponível em: <https://elle.com.br/moda/gianni-versace-trajetoria>  
Último acesso em: 6 de setembro de 2025

Ainda pela *Elle*, quando se formou no ensino médio, passou um período trabalhando e aprendendo com ela sobre o ofício. Ele era encantado pelas clientes elegantes que frequentavam o espaço. Como também era fascinado por ruínas gregas com contraste entre tradição e modernidade, muito presentes na paisagem da cidade em que nasceu, decidiu estudar arquitetura, se aprofundou nos estudos de desenho e desenvolveu um olhar atento para cores, formas e proporções, mas não seguiu carreira. Aos 22 anos, desenhou a sua primeira coleção de roupas a pedido de um costureiro local.

A repercussão de seu trabalho foi positiva e fez com que seu nome chegasse a Milão, recém-nomeada capital da moda, para onde se mudou em 1972. Lá ele trabalhou com nomes como Genny, Complice, Mario Valentino e Callaghan, de acordo com a *Britannica*<sup>11</sup>. Em 1974, lançou a sua primeira linha sob o nome de Complice, o trabalho todo feito em couro, era inusitado para a época.

Inspirado por esculturas clássicas, mosaicos e mitologia, ele começou a idealizar um estilo que unisse história e contemporaneidade. Pode-se afirmar que esse olhar artístico diferenciava Versace das demais marcas italianas, que até então valorizavam a sobriedade e o minimalismo, como Armani e Salvatore Ferragamo. O jovem estilista unia sensualidade, cortes ousados e o uso de materiais pouco convencionais.

Foi então que em 1978, Gianni fundou oficialmente a *Gianni Versace S.p.A.*, com o apoio da família italiana Girombelli. Ele apresentou seu primeiro desfile de *prêt-à-porter*, conforme a *Britannica*<sup>10</sup> aponta, com seu próprio nome naquele mesmo ano. Seu irmão mais velho, Santo Versace, atuou como CEO, e sua irmã, Donatella Versace foi designer e vice-presidente. Versace explorava materiais incomuns, como o plástico, a borracha e o metal, em designs luxuosos que exalavam sexo e sensualidade. Seu encantamento pela antiguidade clássica se mesclava à tendência à rebeldia, resultando em uma costura requintada que desafiava as regras da moda da época.

O impacto foi imediato: as peças eram luxuosas, provocativas e diferentes de tudo o que se via. O logotipo escolhido para representar a marca foi a cabeça da Medusa, figura mitológica que simbolizava fascínio e poder, refletindo a ambição de Gianni de criar roupas irresistíveis.

---

<sup>11</sup> Fonte: Revista Britannica. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Gianni-Versace>  
Último acesso em: 7 de setembro de 2025

Figura 2 – Gianni Versace fechando seu desfile de alta costura de 1991



Fonte: Harpers Bazaar<sup>12</sup>, 2017.

As expectativas pelo lançamento de cada coleção eram imensas. A criação do tecido *oroton*, uma malha que parecia ser feita de metal líquido, estampas baseadas na pop art, vestidos com elementos de bondage, padronagem barroca, muito dourado e *maxialfinetes* se tornaram algumas de suas assinaturas, como explica a *Elle*. Resgatando uma citação feita na introdução:

Versace trouxe o glamour e a extravagância para a moda dos anos 80, marcando sua presença com criações ousadas e vibrantes que celebravam o luxo e a opulência. Suas coleções foram inovadoras e influenciaram a estética da moda da época. (DIAS, 2024, p.3)

Donatella se tornaria musa e colaboradora inseparável de Gianni, ajudando a criar coleções que misturavam glamour e ousadia. Essa combinação de talento criativo, administração eficiente e senso de marketing permitiu que a Versace se expandisse de forma consistente, abrindo boutiques em capitais da moda e conquistando celebridades como clientes fiéis.

<sup>12</sup> Fonte: Harpers Bazaar. Disponível em: <https://www.harpersbazaar.com/uk/fashion/a31123/the-history-of-haute-couture/>

Último acesso em: 10 de outubro de 2025

*Figura 3 – Evening Dress, Versace 1991.*



Fonte: Getty Images<sup>13</sup>, 2017.

[...] previu a necessidade de uma indústria italiana próspera de prêt-à-porter<sup>14</sup>. Ele foi o primeiro estilista a iniciar reformas inovadoras que puseram em movimento a mudança para um processo no mesmo nível do prêt-à-porter francês. (FOGG, 2013, p. 383 apud ANIEZ, 2022, p.31).

A ligação entre a Versace e as celebridades faz parte da sua base e abriu caminhos para que a moda percebesse o valor de uma primeira fila estrelada. Amigos ilustres como Elton John e Madonna, para quem também desenhava figurinos, marcavam presença em seus desfiles. A princesa Diana surgia com vestimentas de festa feitos sob medida para ela.

Nos anos 1980, a Versace transformou-se em um fenômeno cultural. Suas criações refletiam o espírito da década: excesso, cores vibrantes, estampas chamativas e uma sensualidade sem pudores. Os noticiários da época chegavam a dizer que a marca Armani vestia as esposas, enquanto a Versace vestia as amantes (REED, 2014, p. 80 apud ANIEZ, 2022, p. 32). Ainda de acordo com a *Elle*, Gianni foi um dos primeiros estilistas a unificar os mundos da música e da moda. O figurino

<sup>13</sup> Fonte: Getty Images. Disponível em:

<https://www.gettyimages.com.br/search/2/image?phrase=versace+1991>

Último acesso em: 10 de outubro de 2025

<sup>14</sup> *Prêt-à-porter*: termo francês que significa "pronto para vestir" e se refere a roupas produzidas em massa para venda direta ao público, em vez de serem feitas sob medida.

dourado usado por Michael Jackson em sua turnê mundial de 1996, era assinado por ele. O rapper Tupac aumentou ainda mais o desejo entorno da medusa, o logo da marca, ao usar um medalhão com ela cravejada. Nas passarelas, nomes como Claudia Schiffer, Christy Turlington, Linda Evangelista, Cindy Crawford, Naomi Campbell e Carla Bruni desfilavam lado a lado em seus shows e começavam a ser chamadas de supermodelos por seus cachês exorbitantes.

Ao longo das décadas de 1980 e 1990, construiu um império da moda produzindo conjuntos que exalavam sensualidade e sexualidade. Seus designs mais famosos incluíam trajes de bondage, vestidos baby-doll de policloreto de vinila e togas de malha prateada, conforme publicado pela *Britannica*<sup>10</sup>. Os críticos de Versace consideravam seus designs chamativos vulgares, porém, pouco se importava com tais críticas. Gianni foi creditado por transformar o mundo da moda na indústria poderosa e obcecada por celebridades que permanece até os dias atuais.

Para além da grife e das estrelas do pop, também era figurinista de óperas e balés. Ele dizia “para mim, o teatro é a libertação”, como ressalta a *Elle*<sup>9</sup>. Colaborava com o Teatro La Scala, em Milão, onde conheceu seu parceiro Antonio D’Amico, e fez os trajes, que foram vistos em palcos do mundo todo, para montagens de espetáculos como *Don Pasquale*, *Dyonisos* e *Leda and the Swan*<sup>15</sup>.

Ao longo dos anos 1990, a Versace diversificou seus negócios, expandindo para perfumes, acessórios, linhas masculinas e até móveis de luxo. Sua visão ultrapassava o simples ato de vestir, ele queria criar um universo estético completo, no qual roupas, fragrâncias e objetos compunham uma identidade luxuosa e única. Essa abordagem visionária tornou a Versace uma das primeiras marcas a se transformar em verdadeiro império global da moda. No documentário de 2018 utilizado como uma das principais fontes de pesquisa, no episódio 3 “O Assassinato de Gianni Versace”, Anna Wintour, ex-editora-chefe da *Vogue Magazine*, diz: “O Gianni tinha glamour, *sex appeal*, poder e sei lá, alguma coisa um pouco perversa. Ele era cheio de encanto e amava o que fazia”.

---

<sup>15</sup> Don Pasquale (1843), ópera cômica de Donizetti, retrata com humor o amor, a velhice e o engano, contando a história de um idoso enganado por jovens apaixonados. Dionysos (1984 por Gianni), espetáculo inspirado no deus grego do vinho e do teatro, retrata como o este representa tanto a criação e alegria quanto o caos e a destruição, explorando o lado irracional da natureza humana. Leda and the Swan (1946), um balé inspirado em um poema, se baseia no mito de que Zeus se transforma em cisne para seduzir Leda, simboliza o encontro entre o divino e o humano, misturando sensualidade e poder.

O sucesso da Versace, no entanto, foi abalado em meados de 1997, quando Gianni foi assassinado, um acontecimento que chocou o mundo e colocou em dúvida o futuro da grife. A tragédia marcou uma transição dolorosa, mas Donatella assumiu a direção criativa e manteve vivo o legado do irmão. Embora tenha imprimido seu estilo próprio, Donatella preservou os elementos centrais da marca: o barroco, a sensualidade e o glamour desafiador.

### 2.2.2 O dia da morte

No documentário da *People Magazine*, no episódio destinado à Versace, seu parceiro Antônio D'Amico, conta que no dia da tragédia, havia acordado 7 da manhã e se preparado para ir jogar tênis com seu amigo. Estava tomando café da manhã em casa e perguntou onde Gianni tinha ido. Versace lhe disse que estava a caminho da cafeteria, pois queria comprar o jornal e ver o que estava acontecendo na moda ao redor do mundo.

De repente, D'Amico escutou dois tiros perto demais, e teve uma sensação ruim no mesmo instante. Correu para fora para ver o que havia acontecido e, segundo ele, “Tivemos uma visão chocante do Gianni ensanguentado caído nas escadas”. Antônio alega ter visto um homem na calçada que os olhara com um sorriso e uma feição estranha. Na mesma hora, disse ao secretário que aquele era o autor do crime e pediu que corresse atrás dele. Enquanto o atirador escapava, Lázaro, o secretário, corre para encontrar a polícia.

O chefe da divisão da polícia de Miami, George Navarro, havia tirado o dia de folga. Enquanto jogava golfe, recebeu uma ligação de um de seus detetives afirmando que uma pessoa tinha sido baleada e precisava ir ao local com urgência. O tal detetive então, afirma quem era a vítima: Gianni Versace. A editora sênior da *People* conta que o assassino fora muito audacioso, já que Versace estava em uma das ruas mais movimentadas de Miami, a *Ocean Drive*, em plena luz do dia.

De acordo com o terceiro episódio do documentário, quando George chegou à residência de Gianni, se deparou com uma multidão de pessoas. “Eu nunca tinha visto tanta mídia em nenhum outro momento da minha vida. Não era só a mídia americana, era a mídia mundial [...]. Aquela altura, percebi que o caso seria muito maior do que eu tinha imaginado.”.

Os investigadores encontraram testemunhas que viram o atirador correndo em direção à um estacionamento próximo. Os policiais ligaram para as outras unidades e formaram um perímetro ao redor do estacionamento da *13 street*, que tinha muitas saídas em volta. Eles entraram e vasculharam todos os andares, e quando chegaram no terceiro andar, avistaram uma picape vermelha com uma pilha de roupas próxima, que estavam úmidas e usadas. Imediatamente acharam que o homicida estava ligado ao carro de algum modo. Continuaram a vasculhar, mas o atirador já havia sumido. Outra testemunha contou que viu um homem com a mesma descrição entrar em um táxi perto da garagem.

De volta a casa, os paramédicos correm com Gianni para o hospital. Seu parceiro afirma que já sabia que não teria chance de saída, pois era uma quantidade enorme de sangue, e aceitou que estava morto. Aos 50 anos, Versace é declarado morto às 9h21 da manhã. Centenas de fãs e admiradores lotaram as ruas e começaram a se reunir em volta da mansão, trazendo flores e esperando por respostas. “Havia uma enorme sensação de ultrage, sofrimento e de grande pesar.”, conta a editora sênior no documentário.

Um dos primeiros palpites da polícia era de a motivação ter sido roubo, mas quando checaram os itens pessoais da vítima, ele ainda estava com US\$100 mil dólares, cartões de crédito e um cordão de ouro, então descartaram a possibilidade. Começaram então a cogitar motivos mais pessoais: seria uma pessoa com inveja, um fã obsessivo, ou um ex-amante que fora rejeitado?

*Figura 4 – Gianni Versace sendo levado para o hospital após ser baleado.*



Fonte<sup>16</sup>: Getty Images, 1997.

“*Ele foi assassinado violentamente, estilo execução*”, afirma o chefe da polícia George Navarro ao longo do terceiro episódio do documentário da *People Magazine*. Havia duas cápsulas de uma arma calibre 40 e um pombo morto caído ao lado do corpo, uma marca clássica da máfia. Em buscas de pistas, a polícia realizou uma autópsia no pássaro e conseguiram remover o projétil parcial da mesma bala que matara Versace. Descobriram então que a bala que atingiu Gianni ricocheteou e acertou o pombo, uma grande coincidência. Com isso, a máfia também havia sido descartada.

*Figura 5 – Cena do crime do assassinato de Gianni Versace.*



Fonte: Getty Images, 1997.

Os investigadores voltaram à estaca zero. Navarro conta no documentário que mandou dois detetives vasculharem novamente o carro vermelho da rua 13, e identificaram que a picape tinha placas roubadas da Carolina do Sul, além de muitos itens, como se alguém estivesse morando dentro do veículo. Havia muitas coisas que não pareciam ligadas umas às outras, eram de lugares e pessoas de todo o país. A polícia continuou sua busca incessante, quando o detetive George recebe uma ligação por volta do meio-dia de um agente do FBI que precisava falar com ele. O agente federal comunicou que estava perseguindo o suspeito há mais de 2 meses, o homem era culpado de outros quatro homicídios e estava sendo procurado por todo o país.

---

<sup>16</sup> Fonte: Getty Images. Disponível em:

<https://www.gettyimages.com.br/search/2/image?phrase=gianni+versace+murder>

Último acesso em: 9 de setembro de 2025

O chefe de polícia ainda não entendera a ligação do fugitivo com o caso, quando o oficial lhe conta que o tal procurado havia roubado uma picape vermelha. George questiona qual foi a arma usada nos outros homicídios, e o operador afirma que era um calibre 40, a mesma que atingiu Versace. Navarro pede para seus policiais que conferissem o número de chassi do carro e a documentação, para ver se era compatível com o fornecido pelo agente, e de fato era.

O principal suspeito e posteriormente confirmado como autor do crime após quatro horas da morte, se torna o líder da lista de mais procurados pelo FBI, Andrew Cunanan. Procurado há dois meses por todo o território estado-unidense, a polícia de Miami e o FBI unem esforços para capturar o assassino, e montaram um perfil dele.

*Figura 6 – Perfil de procurado do FBI de Andrew Cunanan.*



Fonte<sup>8</sup>: Getty Images, 1997.

Andrew, depois de seus outros homicídios, ficou desaparecido por dois meses, e ressurgiu no dia 15 de julho. A polícia e o FBI vasculham a ilha em busca de Cunanan, e acreditavam que ele ainda estaria por lá, já que Miami Beach era uma região barreira. Depois do ocorrido, foram capazes de fechar toda a cidade para averiguar melhor. Paravam carros, faziam buscas, falavam com muitas pessoas, mandavam policiais para as estradas, a cidade toda ficou completamente fechada. A imprensa internacional também rodeou o local, buscando cobrir toda a perseguição, o clima era de medo em Miami.

O rosto de Andrew foi anunciado em todos os jornais, e uma confusão total se instaurou. Os agentes passaram de 10 a 20 ligações por hora, para milhares. Testemunhas informaram que ele foi visto por toda South Beach: em boates, restaurantes, inclusive almoçando bem em frente à delegacia. “Durante toda a sua

vida, Cunanan foi um camaleão, e se passou por diversos personagens” conta Alicia Dennis no documentário, editora da *People Magazine*.

Nos dias que seguiram após a morte de Gianni Versace, Cunanan desapareceu do ar novamente, a polícia seguiu todas as pistas que receberam. Pouco tempo depois, receberam a notícia de um homicídio perto do condado onde estavam, a vítima era um médico, que por acaso era homossexual (assim como suspeitavam das outras vítimas de Andrew), e o primeiro instinto dos oficiais era que o fugitivo estava na região e tinha culpa no caso.

Detetives determinaram que não havia ligação de Andrew no caso, e os agentes se depararam em ouro beco sem saída. Finalmente, uma pista sólida aparece: 4 dias antes da morte de Gianni, a dona de uma loja de penhores relata que o homem havia penhorado uma moeda de ouro de uma de suas vítimas, e usado sua identidade original. Nas informações que preencheram, Cunanan deixou o endereço de onde estava hospedado, no *Normandy Plaza Hotel*. A polícia conseguiu um mandado de busca e armou um perímetro novamente em volta do hotel, e até mobilizaram uma equipe da SWAT, que entrou no quarto 321, mas sem sinal do atirador. Porém, no quarto 322, seus pertences ainda estavam ali.

A polícia estava trabalhando 20 horas por dia, investigaram todas as pistas que recebiam, graças a intensa cobertura da imprensa e campanha publicitária. Era o maior caso que já haviam lidado. Uma das marinas de Miami telefonou ao departamento de polícia e relatou que ouviram tiros vindos de uma casa flutuante que ficava lá. A casa era de um alemão dono de uma boate, que quando não estava no país, era vigiada pelo zelador. O funcionário identificou sinais de invasão, e ouviu um tiro de dentro do barco, chamando a emergência logo depois.

O documentário conta que após o chamado, novamente uma equipe foi mobilizada e cercou a região, para garantir que não haveria possibilidade de fugir nadando. Tentaram de todas as maneiras se comunicar com a pessoa que estava lá dentro, mas não tiveram resposta. Depois de 5 horas, a polícia toma medidas drásticas: a equipe da SWAT lançou cápsulas de gás lacrimogênio dentro da casa e nada. Adentraram o local e localizaram um corpo escorado no andar de cima, com a pistola em cima do peito.

Identificaram que Andrew Cunanan se matou com um tiro na cabeça, e o caso fora finalmente encerrado. Até os dias atuais, os oficiais não têm respostas concretas

sobre as motivações de Andrew para cada crime, nem sobre sua relação com Versace. O parceiro de Gianni afirma que aguarda por confirmações até hoje.

*Figura 7 – Perita coletando as digitais de Cunanan após ser encontrado morto.*



Fonte: OAV Crime<sup>17</sup>, 2018.

### 2.3 A RELAÇÃO DOS ASSASSINOS COM AS VÍTIMAS

Andrew Cunanan, assassino de Gianni Versace, foi um assassino em série que matou cinco pessoas em cerca de três meses antes de assassinar Versace em 15 de julho de 1997. Investigadores e jornalistas apontam que Cunanan não tinha uma relação pessoal direta com Versace, o que torna o assassinato um ato de violência enigmático, pois o autor do crime tirou a própria vida em um trailer. Possivelmente motivado por ciúmes ou delírios pessoais, o motivo exato nunca tenha sido esclarecido.

Segundo a *Time Magazine*, Cunanan era um assassino em série, suspeito de outras quatro mortes. Ele estava na lista dos dez fugitivos mais procurados do FBI, alvo de uma caçada nacional, e estava escondido em Miami Beach na época em que matou Versace. A *ABC News*<sup>18</sup> entrevistou Candice DeLong, ex-analista de perfis criminais do FBI, que disse: “O mundo saberia duas coisas após o assassinato de Gianni Versace [...] Primeiramente, eles saberiam quem era Versace. E, em segundo

---

<sup>17</sup> Disponível em: <https://oavcrime.com.br>

Último acesso em: 14 de outubro de 2025.

<sup>18</sup> Fonte: ABC News. Disponível em: <https://abcnews.go.com/US/inside-mind-serial-killer>

Último acesso em: 5 de setembro de 2025

lugar, eles sabiam que seu assassino era Andrew Cunanan. Era isso que Andrew queria. 'Olhem para mim. Eu consigo atingir qualquer um.'

Após os dois primeiros crimes, Cunanan seguiu para Chicago, onde matou Lee Miglin, incorporador imobiliário de 72 anos, em um crime com características de sadismo. DeLong (1997) analisou que *“quando um sádico deixa sua vítima indefesa, isso intensifica a experiência para ela. Dominação e controle são o que realmente importa”*. Logo depois, em Nova Jersey, Andrew assassinou William Reese, zelador de 45 anos, apenas para roubar seu veículo e continuar a fuga.

O ápice de sua violência ocorreu em 15 de julho de 1997, quando assassinou o estilista Gianni Versace em Miami Beach. Embora não haja comprovação de que se conheciam, a escolha da vítima parece ter sido estratégica. John Walsh, estrela do seriado *America's Most Wanted*, investigador criminal e ativista dos direitos humano afirmou em uma entrevista para a *ABC News*<sup>18</sup> (2017): *“Acredito que Andrew Cunanan escolheu Gianni Versace para assassinar porque tinha inveja do estilo de vida dele [...] ele queria entrar para a história”*. O crime contra uma figura de relevância internacional projetou Cunanan no cenário mundial, tornando-o um dos fugitivos mais procurados pelo FBI até sua morte dias depois.

A análise de sua trajetória evidencia um indivíduo movido por contradições. Inteligência e carisma coexistiam com narcisismo, manipulação e instabilidade emocional. Sua sequência de assassinatos pode ser compreendida como o reflexo da frustração diante do fracasso social e afetivo, associada à busca desesperada por reconhecimento. Dessa forma, analisando o estudo que avalia o perfil psicossocial de Andrew: *Uma Análise Psicossocial Da História De Andrew Cunanan: Um Estudo Exploratório* (RIBEIRO & SANTOS, 2023), Cunanan não se enquadra apenas na categoria de assassino em série, mas como sujeito cuja identidade transitou entre o fascínio pela elite e a marginalidade, culminando em uma explosão de violência com impacto duradouro na memória coletiva.

Apesar da ausência de um relacionamento direto entre a vítima e o agressor, o assassinato ficou marcado pela brutalidade e pelo contraste entre o glamour da vítima e a trajetória caótica do assassino.

Em contraste, Maurizio Gucci foi assassinado por um assassino de aluguel contratado, em um crime claramente planejado e motivado por interesses pessoais. A principal responsável foi sua ex-esposa, Patrizia Reggiani. O casamento deles foi conturbado, com brigas frequentes, ressentimentos profundos e disputas financeiras

após o divórcio. Patrizia odiava o fato de Maurizio estar vivendo outro relacionamento e queria controlar seu futuro financeiro, o que desencadeou o assassinato em 1995.

Patrizia Reggiani sentia ciúmes intensos e raiva da nova companheira de Maurizio, Paola Franchi, além de ressentimento pelo fim do casamento. Ela decidiu contratar um assassino de aluguel para eliminar Maurizio como forma de vingança e para preservar seus interesses econômicos. Essa motivação financeira e emocional foi expressa em mensagens gravadas que demonstravam seu ódio e desejo por sua morte, provando a ligação direta da ex-esposa com o crime (BBC News<sup>19</sup>, 2021).

O assassinato de Maurizio Gucci foi meticulosamente planejado. Patrizia usou intermediários e o matador Benedetto Ceraulo para executar o crime, o que demonstrava uma relação de manipulação e planejamento entre eles. O julgamento mostrou a frieza de Patrizia diante do crime, mesmo que tenha negado ser a autora direta do tiro, ela admitiu ter desejado a morte do ex-marido (FORDEN, 2008).

Maurizio, dono da Gucci, ainda estava tentando revitalizar a marca e sua morte custou à família não apenas a perda de um líder, mas também um trauma profundo. Sua filha Allegra Gucci falou abertamente sobre o impacto devastador do assassinato e da prisão da mãe, revelando as consequências emocionais na família, de acordo com a *Fashion Network*<sup>20</sup>. Esse lado humano expõe a dimensão dolorosa do crime e como as relações familiares afetadas pelo assassinato seguem marcadas pela tragédia.

A relação entre Andrew Cunanan e Gianni Versace, embora indireta, mostrou um confronto entre uma mente perturbada e um homem símbolo do sucesso e glamour. Embora não existisse amizade ou vínculo claro, a escolha de Versace como alvo pode refletir um ataque a um ícone, uma pessoa que para Cunanan representava algo que ansiava destruir ou se tornar (ORTH, 1999). Este fato reforça a complexidade psicológica da relação entre criminoso e vítima.

No caso Gucci, a relação foi muito mais pessoal e direta, envolvendo emoções intensas e conflitos internos da família. Patrizia e Maurizio foram casados, mas as brigas e o rancor tomaram conta após o divórcio. O assassinato é, ao mesmo tempo, o fim de um conflito pessoal envolvendo poder, dinheiro e emoções exacerbadas.

---

<sup>19</sup> Fonte: BBC News. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59419332>  
Último acesso em: 12 de outubro de 2025

<sup>20</sup> Fonte: Fashion Network. Disponível em: <https://br.fashionnetwork.com/news/Allegra-gucci-rompe-silencio>  
Último acesso em: 12 de outubro de 2025

Ambos os casos ilustram motivações diferentes para crimes fatais: Cunanan pode ter sido movido por um misto de psicose, rancor e desejo de autogratificação através da destruição, enquanto Patrizia Reggiani foi conduzida por um ódio concentrado em vingança pessoal e interesses financeiros, evidenciando perfis muito distintos de criminosos e suas vítimas.

As mortes de Versace e Gucci repercutiram culturalmente e midiaticamente, com a primeira chocando o mundo como um ataque aparentemente aleatório a uma figura pública adorada, enquanto a segunda evidenciava a tragédia de uma família poderosa dilacerada por conflitos internos. O crime contra Versace foi mais um mistério psicológico, já contra Maurizio havia evidência clara de premeditação e relação íntima entre todas as partes envolvidas.

A perseguição a Andrew Cunanan após o assassinato de Versace mobilizou grandes forças policiais dos EUA, terminando com o suicídio do assassino em um trailer em Miami, encerrando seu reinado de terror. Já Patrizia Reggiani foi julgada e condenada a 29 anos de prisão pela justiça italiana, confirmando sua culpa no assassinato do ex-marido, demonstrando diferentes desfechos legais para esses assassinatos emblemáticos.

O legado de Gianni Versace permanece vivo graças à sua irmã Donatella, como símbolo de criatividade e inovação na moda, mesmo após a morte trágica do estilista. Do lado da Gucci, apesar do trauma gerado pelo assassinato de Maurizio, a marca continua viva após a compra pelo Grupo Kering e mantém algumas das marcas registradas de seus donos originais. Ainda que as feridas emocionais persistam, especialmente para os membros da família mais próximos como Allegra e Alessandra Gucci, o legado e a história dos antecessores é mantido vivo pela mídia e pelas filhas. Essas narrativas mostram que, mesmo após a violência, o impacto cultural e pessoal se prolonga.

Em suma, as relações entre assassinos e vítimas nos casos Versace e Gucci têm dimensões psicológicas, emocionais e financeiras que revelam mais do que simples crimes, mas dramas humanos complexos envolvendo poder, ressentimento e tragédia. O confronto entre a mente psicótica e a relação familiar conturbada ilustra a diversidade das causas que levam a assassinatos tão notórios.

Estes casos foram amplamente estudados e retratados em séries, livros e documentários, mostrando a complexidade da relação entre vítimas e assassinos com dados reais e testemunhos que ajudam a entender a fundo as motivações por trás dos

crimes, além de preservarem a memória das vítimas e alertarem para as consequências da violência.

Finalmente, as vítimas, versace e gucci, representam símbolos máximos de sucesso e luxo, mortos por homens cujas motivações refletem o lado sombrio das relações humanas: seja pela loucura e desespero de ser reconhecido, seja pela vingança e traição. O estudo dessas relações é essencial para compreender a fragilidade da condição humana mesmo no ápice do poder e da fama.

### 3 ANÁLISE SOCIAL E MIDIÁTICA DOS CASOS

#### 3.1 FATORES SOCIAIS QUE INTERFERIRAM

Andrew Cunanan, homicida de Gianni Versace, teve sua trajetória influenciada por uma combinação complexa de fatores que desempenharam papel crucial no desenvolvimento de seu comportamento violento. Conforme o trabalho *Uma Análise Psicossocial Da História De Andrew Cunanan: Um Estudo Exploratório* realizado por Ribeiro e Santos (2023, p. 12), Cunanan enfrentava profundas instabilidades emocionais, fruto de uma relação conturbada com seus pais, especialmente com um pai que exercia forte pressão para que ele alcançasse grandes feitos.

A *ABC News*<sup>21</sup> relata que o infrator nasceu e cresceu no sul da Califórnia como o caçula de quatro filhos, em uma família de origem filipina. Desde cedo, destacou-se por sua inteligência e memória, sendo considerado o “orgulho” do pai, Modesto Cunanan, veterano da Marinha e corretor da bolsa. Seu irmão Christopher relatou em entrevista de 1997 que “ele era muito inteligente. Quando tinha uns 10 anos, já tinha lido todas as enciclopédias... e as decorado. E você podia fazer qualquer pergunta a ele [...] e ele respondia”. Essa característica contribuiu para que Andrew recebesse tratamento especial em casa, algo confirmado por sua irmã Elena: “Meu pai deu a ele um carro esportivo. Ele tinha o quarto principal. Tinha seu próprio banheiro e tudo”.

Durante a adolescência, Cunanan estudou na *The Bishop’s School*, em La Jolla, frequentada por filhos da elite diplomática e econômica. Esse ambiente reforçou seu desejo de ascensão social, consolidando uma autoestima ligada ao consumo e à aceitação em círculos de poder. De acordo com o documentário da *People Magazine*, Andrew também era conhecido e tinha uma fama de mentiroso por espalhar mentiras sobre sua vida, status e poder de aquisição. Cunanan já havia comentado que conhecia Versace, mas nunca houve uma confirmação da afirmação.

Candice DeLong, ex-analista de perfis criminais do FBI, afirmou à *ABC News* que “A autoestima de Andrew estava ligada às coisas boas da vida [...] ser aceito na alta sociedade e por pessoas ricas era o que ele esperava”. Ainda assim, o jovem sentia-se deslocado, como revelado em seu anuário escolar ao escrever a frase “*Après moi,*

---

<sup>21</sup> Fonte: ABC News. Disponível em: <https://abcnews.go.com/US/inside-mind-serial-killer-murdered-fashion-icon-gianni/story?id=48459029>

Último acesso em: 12 de outubro de 2025

*le déluge*”, que significa “Depois de mim, o dilúvio”, interpretada posteriormente como indício precoce de uma mente perturbada.

A ruptura familiar intensificou-se quando seu pai abandonou a família, deixando-os em dificuldades financeiras. Segundo Walsh, na matéria previamente citada, após uma breve estadia com o pai nas Filipinas, Andrew retornou aos Estados Unidos “reclamando da miséria em que seu pai vivia”. A partir desse período, passou a se envolver em relacionamentos com homens ricos e mais velhos, dos quais dependia financeiramente. Norman Blachford, por exemplo, lhe fornecia uma mesada de US\$ 2.500, além de viagens e acesso a bens de luxo. Contudo, ao perder esse estilo de vida, Andrew passou a apresentar sinais de desorganização e decadência social. Para a editora Donna Brant (2017), esse declínio pode ter sido o gatilho de sua fúria: “Ele foi abandonado pelo seu mais novo *sugar daddy*. Estava perdendo a destreza entre os colegas. Ele tinha se tornado desleixado e perdido a beleza”.

Sua trajetória criminosa teve início em abril de 1997, quando assassinou Jeffrey Trail, de 28 anos, amigo próximo com quem tivera uma discussão, e David Madson, arquiteto de 33 anos considerado o grande amor de sua vida. Erik Greenman, ex-colega de quarto, comentou com a *ABC News* que “David era a vida de Andrew. Ele disse muitas e muitas vezes que largaria tudo para se mudar para Minneapolis por David”. No entanto, após ser rejeitado, Cunanan transformou esse vínculo em violência, matando Trail com golpes de martelo e executando Madson dias depois. Para Brant (1997), “Essa onda de assassinatos, por mais estranho que pareça, começou como uma história de amor”, sendo Madson o símbolo de todas as rejeições sofridas por Andrew”.

Aos 19 anos, de acordo com a revista *Superinteressante*<sup>22</sup>, a mãe de Cunanan teria descoberto que seu filho era gay. Durante uma discussão que se iniciou por causa do preconceito, ele a agrediu e foi expulso de casa. Mais tarde, exames feitos a partir de relatos dos vizinhos indicaram que o jovem sofria de transtorno de personalidade antissocial.

Essa pressão, aliada à ausência de suporte pedagógico adequado em sua juventude e ao uso intensivo de substâncias como metanfetaminas, acentuou sua vulnerabilidade, culminando em um padrão de comportamento instável e executor. A

---

<sup>22</sup> Fonte: Revista Superinteressante. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/retrato-falado-andrew-cunanan/>

Último acesso em: 8 de setembro de 2025

pesquisa destaca que as expectativas familiares, somadas ao ambiente social de classe média alta e exclusão, foram fatores determinantes para a escalada da violência que culminou nos crimes cometidos por ele em 1997.

A mente de Andrew era complexa e perturbada. Ele vivia de fraudes, se relacionava com homens mais velhos e ricos para se financiar e tinha um histórico de relacionamentos problemáticos. A matéria da Folha de S. Paulo<sup>23</sup> publicada na época em que aconteceu o assassinato (1997), afirma que um terapeuta que teve contato com Cunanan relatou ao *The San Diego Union-Tribune* que o homicida suspeitava do diagnóstico de AIDS e jurou vingança contra qualquer um que pudesse tê-lo infectado. Porém, mesmo com dúvidas sobre seu estado de saúde, é possível afirmar que ele teria cometido o crime movido por paranoias e problemas anteriores que foram expressos na forma de uma violência.

[...] Foi expulso da Marinha e acabou se aproximando do ramo financeiro, passando a trabalhar como corretor de ações até 1986, quando fugiu do país, acusado de falsidade ideológica e estelionato contra idosos aposentados (ORTH, 2018[1999] apud RIBEIRO & SANTOS, 2023, p. 4).

O *Time Magazine*<sup>24</sup> relatou: "Andrew Cunanan era um assassino em série cuja motivação para matar o estilista Gianni Versace permanece um mistério, pois não havia laços pessoais claros entre eles. Versace representava o símbolo do sucesso que Cunanan parecia ter inveja e ressentimento", e especialistas sugerem que sua violência refletia um desejo de controlar ou destruir pessoas que simbolizavam um ideal de sucesso e beleza, encapsulado na figura de Versace.

Andrew Cunanan era o suspeito número um de todos os assassinatos, especialmente pelos "rastros" nada discretos que deixava nas cenas do crime. [...] Desde o início das mortes, Andrew parecia entusiasmado a deixar sinais claros de sua "passagem mortífera". Não se importava com rastros nem com possíveis pistas que indicassem o seu paradeiro, como quem quisesse ser visto ou encontrado. Havia sinais específicos e comportamentos que idealizavam uma espécie de mensagem subliminar [...]. (RIBEIRO & SANTOS, 2023, p. 6).

Além das dificuldades familiares e abusos de substâncias, Cunanan era caracterizado por uma busca desesperada por poder e reconhecimento social,

---

<sup>23</sup> Fonte: Jornal Folha de S. Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft200719.htm>  
Último acesso em: 14 de outubro de 2025

<sup>24</sup> Fonte: Revista Time Magazine. Disponível em: <https://time.com/5092574/gianni-versace-andrew-cunanan/>  
Último acesso em: 5 de setembro de 2025

embora marcada por inseguranças e uma compreensão distorcida de seu próprio valor. A revista *Superinteressante* (2015) aponta que seus atos violentos, inclusive o assassinato de Versace, podem ser interpretados como uma tentativa extrema de afirmar sua identidade e eliminar símbolos de status que ele nunca alcançaria.

Cunanan nutria ressentimento contra antigos amantes e clientes e via na figura de Versace um retrato do luxo e da aceitação social que ele desejava ardentemente, o que potencializou a motivação simbólica do crime. Assim, a violência manifestada representa um conflito entre a marginalização vivida pelo assassino e o sucesso da vítima.

Ainda mais, segundo análise editorial da revista *Jump Cut*, a construção midiática do "serial killer gay" traduzia uma trajetória que partia de um jovem festivo para um homicida impulsivo, mas também refletia preconceitos e simplificações presentes na mídia da época, que teciam uma narrativa carregada de estigmas e sensacionalismo ao reportar seus crimes, incluindo o assassinato de Versace ("JUMP CUT", 2025).

Em contrapartida, no caso de Maurizio Gucci, o foco dos conflitos residia nos laços familiares e na disputa pelo controle financeiro e social dentro do universo da alta sociedade italiana. Patrizia Reggiani, sua ex-esposa, apresentava possessividade e insegurança marcantes, intensificadas após o divórcio conturbado. De acordo com *Forbes* (2019), ela era motivada por uma profunda raiva e ciúmes, e projetava suas frustrações na figura de Maurizio, tomando a decisão de encomendar seu assassinato para manter seu lugar e controle sobre os bens e prestígio social.

Outro fator crucial no caso Gucci foi a cirurgia cerebral que Patrizia realizou aproximadamente três anos antes do homicídio, segundo reportagem do *El País* (2022). A intervenção cirúrgica para remover um tumor no cérebro alterou drasticamente sua personalidade, o que, combinado com a já existente instabilidade emocional e o ressentimento pela perda do casamento, ampliou sua tendência a comportamentos extremos.

A transição na liderança da empresa Gucci, com a saída de Maurizio e entrada de novos executivos, acentuou as tensões emocionais e sociais envolvendo Patrizia, que via sua posição e status ameaçados. Conforme relata *El País* (2022), essa perda de controle contribuiu para o agravamento do conflito que, já enraizado no ciúme e na disputa pelo poder, teve consequência trágica no assassinato. É um retrato clássico de como pressões sociais e mudanças no ambiente de poder podem refletir-se diretamente em conflitos familiares e psicossociais.

O contexto social da comunidade LGBT nos anos 90 também foi decisivo no caso de Cunanan. Segundo a Time Magazine (2018), Cunanan era um homem frequentemente marginalizado, com uma vida que se dava à margem da sociedade, em meio ao estigma da epidemia de AIDS e homofobia. Seu perfil complexo de busca por afirmação social e rejeição contribuía para um comportamento imprevisível e violento, sendo o assassinato de Versace uma expressão dramática dessas tensões sociais e pessoais.

Segundo ABC News (2017), Cunanan apresentava um padrão de comportamento psicopático, oscilando entre charme e violência extrema, o que refletia a tensão interna entre a necessidade de aceitação e o sentimento de exclusão. Essa complexidade emocional agravada pelo ambiente social hostil em que vivia impulsionou sua trajetória fatal, sendo Versace a vítima simbólica desse conflito entre exclusão e desejo de poder e prestígio.

Finalmente, no contexto da família Gucci, a obsessão de Patrizia pelo poder, o apego ao prestígio social e a posse financeira estavam profundamente enraizados em uma cultura que priorizava a aparência e o status a qualquer custo, conforme destacado por The Guardian (2016). Essa dinâmica social, combinada com suas alterações psicológicas decorrentes da cirurgia cerebral, criou um ambiente propício para a escalada do conflito até o assassinato de Maurizio. Esses casos, portanto, exigem uma análise interdisciplinar que integre psicologia, sociologia e criminologia para compreender plenamente a complexidade por trás da violência.

No contexto de Maurizio Gucci, embora o ambiente externo dominado por luxo e prestígio aparente, os conflitos internos no âmbito familiar revelam um quadro igualmente complexo e multifacetado. Conforme Persio (2019, p. 5), a relação entre Maurizio e sua ex-esposa, Patrizia Reggiani, era permeada por possessividade, insegurança e disputas de poder, características que se intensificaram após o divórcio. Patrizia, que buscava assegurar seu futuro financeiro e continuar a pertencer à elite social, desenvolveu uma obsessão pela manutenção do controle, tanto simbólico quanto material.

### 3.2 CONFLITOS E MOTIVAÇÕES

O assassinato de Maurizio em 1995, é resultado de uma combinação de ressentimentos pessoais, disputas e ambições descontroladas, que escalaram ao

longo de anos e culminaram em tragédia. Maurizio e Patrizia viveram uma relação repleta de complexidades emocionais, marcada por um casamento inicialmente glamoroso, mas que rapidamente se deteriorou em meio a ciúmes, vingança e disputas pelo controle dentro da família.

Conforme o livro *Casa Gucci* (FORDEN, 2008), Patrizia sentiu-se traída e excluída após o divórcio, ressentimento que foi intensificado pelas transformações na gestão da Gucci e pela mudança de Maurizio para um novo relacionamento. Esse contexto de tensões configurou o motivo do assassinato, que foi encomendado por Patrizia a um assassino profissional, simbolizando o ápice de uma luta por poder e status que imergia do patrimônio e das emoções do casal, segundo a *BBC News*.

A trajetória que conduziu Patrizia à decisão de encomendar a morte de Maurizio também é marcada por fatores de saúde que alteraram sua consciência e comportamento. Resgatando a reportagem do *El País*, uma cirurgia cerebral para remoção de um tumor realizada aproximadamente três anos antes do assassinato provocou uma mudança radical na personalidade dela, tornando-a mais volátil, obsessiva e inclinada a atitudes de vingança. Essa alteração, combinada com fatores emocionais anteriores, culminou numa hostilidade que ultrapassava os limites do pessoal com consequências fatais para Maurizio e a marca. Esse aspecto ressalta a importância de considerar elementos psicológicos em análises de motivação criminal, especialmente em casos de dominação familiar.

A venda da Gucci para o fundo Investcorp em 1993 marcou outro ponto crítico da trajetória de Maurizio. Esse acordo, motivado pela crise financeira da empresa, representou a perda definitiva do controle familiar, aumentando as tensões entre Maurizio e Patrizia, que ainda detinha considerável influência. Segundo a revista *Veja* (2021), essa venda desfez os últimos laços diretos do clã com a gestão da marca, desequilibrando a antiga distribuição de poder e ampliando os conflitos conjugais e patrimoniais entre Maurizio e Patrizia, detonando um ciclo de acusações mútuas e ódio que só faria aumentar.

Maurizio e Patrizia formalizaram o divórcio em 1991, porém, mesmo após a separação, as disputas continuaram acirradas. Patrizia garantiu uma pensão milionária, mas não a satisfação emocional ou social a que aspirava, pois, via o ex-marido trilhar caminho pessoal e profissional livre dela, com nova companheira e liberdade para reconstruir seus projetos. A revista *Forbes* (2019) enfatiza que o rancor de Patrizia foi alimentado justamente pela perda de controle sobre os bens, a imagem

pública e o status social, motivando-lhe um desejo voraz por vingança que, anos depois, culminaria na redação do que viria a ser o assassinato de Maurizio.

Em um espectro distinto, porém igualmente complexo, o assassinato de Gianni Versace em 1997 envolve motivações diferentes, porém inseridas em um contexto de profundas tensões sociais e psicológicas. Versace, estilista italiano de prestígio internacional, foi assassinado em Miami por Andrew Cunanan, um jovem com antecedentes de instabilidade emocional, uso de drogas e marginalização social, especialmente em relação à sua identidade sexual e ao ambiente LGBT da época. De acordo com a Time Magazine (2018), Cunanan expressava ressentimentos intensos contra a elite social e buscava reconhecimento e poder através da violência, escolhendo Versace como símbolo máximo da exclusão e do luxo inalcançável para si.

A dinâmica social entre Cunanan e Versace é fundamental para compreender a motivação do assassinato, que transcende o ato brutal para refletir um conflito identitário e social mais amplo. Cunanan, marginalizado e frequentemente rejeitado, canalizou sua frustração e raiva através de uma sequência de homicídios, chegando a Versace como a vítima mais simbólica. Pesquisas indicam que sua violência foi marcada tanto por fatores psicopatológicos quanto pelo impacto da homofobia internalizada e estigma social, compondo um quadro complexo de exclusão e devastação emocional (Jumpcut, 2000; ABC News, 2017).

À luz das investigações, verificou-se que a escolha do alvo por Cunanan foi deliberada e carregada de significado, configurando o assassinato de Versace como um ato político e social de desafio, desespero e afirmação. Segundo a CBS News (2022), a escalada da violência de Cunanan refletia uma busca insaciável de poder, controle e notoriedade, elementos que se entrelaçam com sua percepção de si e da sociedade, mostrando como motivações pessoais podem se transformar em atos extremos em contextos sociais hostis.

Outro aspecto essencial para entender o caso Versace é a cobertura midiática e a forma como o crime foi enquadrado socialmente. A construção do “serial killer gay” por parte do FBI e da mídia revelou preconceitos culturais que influenciaram significativamente as percepções públicas sobre Cunanan e as razões de suas ações, reduzindo a complexidade do caso a estereótipos. Essa narrativa, destacada em estudos como o do Jump Cut (1997), dificultou uma análise aprofundada sobre os motivos socioemocionais que realmente conduziram à tragédia.

Tanto no assassinato de Maurizio Gucci quanto no de Gianni Versace, emerge clara a influência decisiva de elementos emocionais, sociais e psicológicos que ultrapassam meramente os campos da criminalidade para adentrar os domínios íntimos do poder, da identidade e da exclusão. Enquanto Maurizio foi vítima da vingança de um amor desfeito e do conflito por bens e prestígio, Versace foi tragicamente escolhido para simbolizar as tensões pessoais e sociais de uma comunidade marginalizada vivendo sob ameaça. A interseção desses casos mostra a complexidade dos crimes motivados por fatores pessoais e sociais em ambientes de grande pressão e significado simbólico (Forbes, 2019; People, 2022).

#### 4 A MÍDIA E A CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS

Para este capítulo, as mídias analisadas incluem reportagens, notícias jornalísticas em veículos como *All That's Interesting*, *People*, *Veja*, *The Independent*, *Time*, *CBS News*, *Forbes* e *The Guardian*, publicadas tanto na época em que ocorreram os episódios, quanto atualmente. Também incluem fotografias e arquivos, como imagens das cenas dos crimes e velórios, disponíveis no *IMS Vintage Photos* e *Getty Images*. Essas mídias exibiram como as construções das narrativas foram feitas, desde a cobertura do crime e suas investigações até as repercussões no contexto da indústria da moda e na vida familiar dos envolvidos.

Mais especificamente, ainda serão analisadas fontes que incluem pesquisas acadêmicas da USP, imagens oficiais do FBI e livros biográficos, como *Casa Gucci* de Sara Gay Forden, que juntos ilustram a narrativa construída em torno das vítimas. A investigação dessas mídias permitirá compreender como as representações visuais, textuais e midiáticas constroem sentidos em torno da fama, do crime e dos impactos, revelando as estratégias narrativas utilizadas para moldar a percepção pública desses casos emblemáticos.

As revistas escolhidas apresentam abordagens distintas sobre os assassinatos de Maurizio Gucci e Gianni Versace, refletindo diferentes aspectos dos casos. A revista *VEJA* trouxe uma cobertura focada na guerra familiar e seu resultado, destacando as tensões internas da família Gucci e o impacto do assassinato de Maurizio sobre a marca. A *Time Magazine* focou no perfil do serial killer que assassinou Versace, aprofundando na dinâmica psicológica do criminoso e no contexto da moda dos anos 1980. Já *The Guardian* explorou a narrativa dramática do assassinato de Gucci, enfatizando a relação entre a ex-esposa e os cúmplices, além das repercussões sociais do crime. A *Folha de S. Paulo*, em suas publicações, trouxe uma abordagem mais jornalística, detalhando os processos legais e o desdobramento das investigações.

Ao todo, houve dezenas de publicações nas diferentes revistas sobre os casos dos estilistas, mas a principal diferença entre elas está no foco narrativo e na profundidade da análise, desde aspectos familiares e jurídicos até perfis psicológicos e impactos na indústria da moda.

O homicídio de Gucci rapidamente se transformou em um dos casos mais midiáticos da Itália e do mundo por envolver um herdeiro do império Gucci e sua

cônjuge, Patrizia Reggiani. Como Forden relata em *Casa Gucci* (2008, p. 320), a mídia italiana encantou-se com a saga da família Gucci, com seus altos e baixos, guerras internas e o clímax no assassinato de Maurizio, que foi amplamente alavancado pelo tabloide e pela imprensa popular. Essa exposição intensificou ainda mais o drama ao mostrar um casamento rompido, vingança, ciúmes e a decadência do luxo, fatores que chamaram a atenção global.

A imprensa explorou cada detalhe, muitas vezes simplificando ou dramatizando aspectos para atrair audiência, transformando Patrizia em uma figura caricata e contribuindo para a construção da imagem da "viúva negra" (BBC, 2021). A construção da figura de Reggiani, foi recheada de narrativas sensacionalistas que enfatizavam seu lado vingativo. Reportagens da *Veja* (2021) explicam que a *socialite* era retratada tanto como uma mulher traída quanto como uma vilã cruel que arquitetou o assassinato de seu ex-marido com frieza cirúrgica. A mídia acompanhou de perto cada fase do julgamento, amplificando a imagem da ex-esposa como uma mulher calculista e movida pela raiva, criando um personagem central que era ao mesmo tempo fascinante e temível. Segundo relatos do *The Guardian*, a construção dessa imagem foi reforçada pelos detalhes das fitas gravadas por Patrizia, onde ela expressava ódio e vingança aberta contra Maurizio.

Ademais, segundo reportagem da CBS News, a ostentação de Patrizia em público, com joias e roupas de luxo mesmo após o crime, alimentou o imaginário popular de uma mulher implacável que não demonstrava remorso, caracterizando a narrativa de uma "viúva negra" da moda que usou seu poder para manipular e ordenar um crime.

Diferentemente, a narrativa midiática em torno da morte de Gianni Versace foi permeada por camadas simbólicas associadas à violência contra a comunidade LGBT e ao medo dos anos 90, época marcada pela epidemia de AIDS e o preconceito ainda muito presente. A mídia americana e internacional trabalhou em torno do perfil atormentado do assassino Andrew Cunanan, um assassino em série cuja motivação real pareceu menos pessoal e mais ligada a um embate psicológico profundo, onde Versace representava um contraste de sucesso, riqueza e visibilidade que Cunanan desejava possuir.

A cobertura inicial, conforme relatam estudos acadêmicos e reportagens como do *Jump Cut* (1997), construiu Cunanan como o "*serial killer gay*", enfatizando aspectos de sua vida sexual e vinculando sua motivação a elementos de homofobia

internalizada, doenças sexuais e sadomasoquismo, muitas vezes sem base concreta. Essa narrativa moldou a percepção pública de forma tendenciosa, ofuscando um entendimento mais profundo dos fatores sociais e psicológicos envolvidos.

Além da construção da personalidade de Patrizia, a mídia também alimentou uma narrativa de guerra familiar que exagerou conflitos internos e rivalidades pelo controle da Gucci. Conforme aponta a *BBC News*, os tabloides exploraram as disputas entre Maurizio, seu tio Aldo e outros membros da família, construindo uma história de uma batalha implacável que culminou na tragédia fatal. A representação da cobertura revelou um fascínio social pelo drama das dinastias que se desmoronam, misturando ficção e realidade, o que tornou o caso um espetáculo midiático tão poderoso quanto o crime em si.

O filme *Casa Gucci*, lançado em 2021, é uma prova da influência que essas narrativas tiveram no imaginário popular. Porém, como apontam críticos e os próprios herdeiros da família, a produção cinematográfica simplifica e até distorce a história real, focando em estereótipos e caricaturas para encaixar o enredo na lógica do entretenimento. Em diversas entrevistas, membros da família destacaram que o filme não representa fielmente os fatos nem as complexidades das relações familiares, sugerindo que a mídia em geral tende a sacrificar nuances pela dramatização e pelo impacto.

O tratamento do caso Versace mostrou as dificuldades de abordar crimes violentos centrados em minorias sociais, sem reproduzir preconceitos. A *ABC News* destaca que a ênfase na sexualidade e na vida privada de Cunanan configurou uma estigmatização, potencializando medos sociais e reforçando estereótipos. Essa cobertura alimentou um debate público enviesado, no qual as motivações foram muitas vezes simplificadas.

As análises de especialistas apontam que, apesar das várias mortes anteriores, quando Cunanan matou Versace, a escalada da violência ganhou uma dimensão simbólica e midiática imensa que o colocou no centro dos holofotes. Conforme reporta a *Time* (2018), esta última vítima representava uma figura de poder e sucesso glamourizado, um elemento central para a construção do perfil do assassino na imprensa. O assassinato foi tratado como um marco da violência extrema dentro da comunidade LGBT e, ao mesmo tempo, como um espetáculo sadomasoquista que cativou e horrorizou o público.

A cobertura midiática de ambos os casos, Versace e Maurizio Gucci, teve consequências reais na percepção pública e nos processos judiciais. Segundo a *Forbes*, a narrativa construída pela mídia moldou não apenas a opinião pública, mas também o modo como as investigações e juízos foram conduzidos, destacando certos aspectos que impactaram diretamente na justiça e na memória pública.

A mídia teve grande influência na construção das figuras públicas de Maurizio Gucci e Patrizia Reggiani: ele como a vítima quase trágica de um sistema familiar e social opressor, ela como o arquétipo da mulher maléfica, expandindo-se para além da guerra por dinheiro para incluir elementos de psicopatia e obsessão. A cobertura enfatizou os conflitos entre passado e presente, amor e ódio, poder e destruição, componentes que sustentaram a narrativa ficcional que ancora a imaginação pública até hoje.

Em contraste, a construção midiática da vítima Gianni Versace focou em sua imagem como visionário criativo e ícone cultural, cuja morte simbolizava não apenas uma perda artística, mas um ataque a uma comunidade que ainda lutava por reconhecimento e proteção. Isso intensificou a narrativa da perda e da luta, injetando o crime dentro de um contexto maior de direitos humanos, diferentemente da história mais privada e familiar do assassinato Gucci.

O desenvolvimento das histórias dos assassinatos, ao longo dos anos, reflete também as mudanças nas práticas midiáticas, do estilo tabloide sensacionalista, predominante no caso Gucci, para uma abordagem mais aprofundada e responsável em relatórios sobre Versace, com foco em educação e conscientização social. Isso demonstra a evolução do jornalismo em distintos contextos culturais e temporais, moldando a forma como o público entende violência e poder.

O impacto da mídia se estende para além do noticiário, influenciando profundamente a cultura popular. As representações no cinema, documentários, podcasts e livros, baseados nas narrativas construídas pela imprensa, ajudam a perpetuar legados que misturam fatos e ficção, formando uma memória coletiva que reforça estereótipos e reflexões sociais. No caso Gucci, o voyeurismo sobre o luxo e crime se destaca, enquanto Versace inspira narrativas de resistência social e fragilidade humana.

Em resumo, o papel da mídia na construção das narrativas em torno de ambos os assassinatos revela uma dinâmica que vai além da simples transmissão de

informações, mas que envolve a formação cultural de estereótipos e verdades parciais que influenciam percepções e julgamentos na sociedade.

## 5 REFLEXÃO SOBRE OS IMPACTOS

Cada um dos assassinatos teve sua própria relevância e impacto, porém distintos, visto que tiveram motivações e contextos diferentes. Os casos analisados tiveram mudanças significativas na indústria da moda. De acordo com todas as revistas anteriormente analisadas, tais retrataram as mortes de maneira sensacionalista, e sempre favorecendo as vítimas, sem realizar uma investigação mais profunda e imparcial por trás das motivações e conflitos internos de cada autor.

A busca por controle se manifesta recorrentemente neste mundo caracterizado pelo glamour, pela influência e por disputas intensas. Neste cenário, onde a aparência, o status e o poder exercem grande influência sobre as relações, o desejo de dominar situações e pessoas pode gerar comportamentos extremos. Dessa forma, essa dinâmica de controle, quando combinada a laços afetivos e pressões externas, pode contribuir significativamente para a ocorrência destes crimes.

Com relação ao assassinato de Maurizio Gucci, o impacto imediato foi a desestruturação da família fundadora da marca, uma das mais tradicionais e simbólicas do luxo mundial. A perda do herdeiro e líder repercutiu diretamente nas disputas internas pelo controle da empresa, acelerando transformações estratégicas e mercadológicas, como a venda da empresa para investidores externos. A partir desse momento, o controle da Gucci saiu das mãos familiares, abrindo espaço para gestores externos que mudaram os padrões e promoveram uma reinvenção da marca, influenciando o futuro da moda de luxo.

Além disso, o caso Gucci evidenciou as consequências que as tensões familiares dentro de grandes impérios da moda revelam, que muitas vezes coexistem com disputas financeiras, controle de imagem e poder. Esse episódio simboliza esse embate oculto entre interesses particulares que podem destruir legados históricos, e que muitas vezes envolver familiares em negócios pode culminar em tragédias.

Contudo, há diferentes leituras para o caso. O artigo *Consumo, moda e valores do contemporâneo: um estudo da marca Gucci*, publicado pela Escola de Comunicação e Artes da USP, faz a seguinte análise:

Para a autora do livro *Casa Gucci*, a motivação tem relação mais com o afastamento de Patrizia da marca do que um crime passionai. Ela confundiria sua personalidade com o que a Gucci representava. (ARAUJO, 2020, p. 48)

Já o crime contra Gianni Versace, trouxe à tona uma dinâmica diferente, embora igualmente violenta. Enquanto o caso Gucci tem motivações familiares, Versace tornou-se vítima de um crime externo, movido por obsessões e distúrbios psicológicos, porém que nunca terá a verdadeira causa revelada. O homicídio repercutiu como um exemplo extremo dos riscos que a fama e exposição podem acarretar para figuras públicas, que vivem sob constante vigilância e pressão.

Esse episódio marcou um momento de reflexão na indústria quanto à vulnerabilidade de seus protagonistas. A morte de Versace não apenas interrompeu uma trajetória criativa singular, mas também expôs riscos que vão além da produção artística, incluindo a segurança física e o impacto emocional do ambiente glamouroso ao redor. Versace, símbolo de inovação e audácia, viu sua trajetória ser tragicamente interrompida, aumentando a consciência de que o mundo da moda está longe de ser apenas glamurosa superfície.

Ambos os casos também influenciaram a cobertura midiática e a percepção pública acerca da indústria da moda. A atenção à violência e tragédia que ocorreram nesses ambientes ajudou a construir uma imagem mais complexa e contraditória, onde glamour e perigo coexistem. Por um lado, há a fascinação social pelo luxo; por outro, uma percepção de que o brilho pode ocultar histórias tortuosas, revelando um setor permeado por tensões emocionais profundas.

Os efeitos simbólicos dos assassinatos transcenderam as marcas envolvidas, convidando uma leitura crítica sobre as relações de poder e vulnerabilidade no ambiente das grandes marcas de moda. As narrativas que emergiram reforçaram estigmas acerca da indústria, apontando para a necessidade de compreender seus dilemas humanos além das criações e tendências. Em última instância, esses eventos foram um alerta sobre a complexidade das relações interpessoais e empresariais em um cenário altamente competitivo.

Por fim, a transformação das marcas Gucci e Versace após esses episódios também reflete a capacidade adaptativa da indústria da moda. As mudanças provocadas na gestão, as estratégias de reposicionamento e a reconstrução da imagem levaram a novos ciclos de crescimento e reconhecimento. Assim, as marcas superaram as crises traumáticas, reconstruindo a confiança do mercado e renovando sua relevância global.

Em suma, os assassinatos de Maurizio Gucci e Gianni Versace deixaram marcas irreparáveis na moda que vão além da tragédia familiar. Eles abriram espaço para

debates sobre como o poder, a fama, a pressão emocional e as dinâmicas internas podem culminar em violência, revelando as fragilidades por trás do brilho. Esses casos continuam sendo pontos de referência para entender os desafios éticos, psicossociais e culturais da indústria da moda.

## 6 CONCLUSÃO

Os assassinatos que tiraram a vida de nomes importantes por trás das marcas Versace e Gucci tiveram um grande impacto no mundo da moda. Esses crimes chocaram o público e levantaram a questão de até que ponto eventos tão pessoais e trágicos podem influenciar o rumo de marcas tão poderosas. Além de afetar a imagem das grifes, os assassinatos também mudaram suas estruturas internas e estratégias, mostrando como até grandes impérios da moda podem ser afetados por dramas fora das passarelas.

O caso de Maurizio se enquadra perfeitamente na categoria de crimes passionais como analisado, pois além das motivações financeiras e pessoais, o ciúme e o rancor desempenham papel decisivo nesta categoria, conforme destacado por Rodrigues, Souza, Rodrigues & Calvi (2021), para quem *“os maus tratos tanto físicos quanto psicológicos são frequentemente presentes em um relacionamento abusivo [...] o ciúme ainda é visto como forma de cuidado, de amor, [...] o que não é tão saudável como se parece”* (p. 27, 31). Esses sentimentos, romanticamente idealizados, podem, como ilustrado no caso Gucci, desencadear ações violentas e irreversíveis. Como observa Sara Gay Forden (2008), *“a luta pelo controle dentro da família Gucci desencadeou traições e fatalidades, evidenciando uma estrutura empresarial moldada pela ambição”* (p. 147)

Por outro lado, o assassinato de Versace, segundo Ribeiro & Santos (2023) e estudos do FBI, insere-se em um cenário de exclusão social, identidade marginalizada e buscas frustradas por reconhecimento. Andrew Cunanan representa um perfil psicossocial distinto, cuja violência é fruto de contradições internas e tensões externas enfrentadas pela comunidade LGBT nos anos 1990, conforme analisado pela ABC News (2017) e Jump Cut (1997). Ou seja, apesar de ter sido motivado por sentimentos que foi acumulando ao longo de sua vida, não tinham relação direta com a vítima, além de ter sido planejado.

Além disso, a mídia desempenha papel crucial na construção das narrativas públicas sobre esses assassinatos, como destacam The Guardian (2016) e BBC News (2021). A dramatização da figura da “viúva negra” e a imposição do rótulo de “serial killer gay” influenciam a percepção social e até os processos judiciais, criando imagens que perpetuam estereótipos e moldam a memória coletiva.

Por fim, os impactos dessas tragédias se estendem para além dos ambientes familiares e empresariais, alcançando a indústria da moda em si. A transformação das marcas Versace e Gucci após esses acontecimentos mostra a capacidade de adaptação frente ao trauma, mas também evidencia as marcas que permanecem vivas na memória das famílias e do público consumidor, como relatado por Allegra Gucci e Donatella Versace em entrevistas recentes (Fashion Network, 2025; Elle, 2025).

Portanto, este estudo conclui que a violência nos bastidores do luxo não é um fenômeno isolado, mas resultado da influência de fatores psicológicos, sociais, culturais e midiáticos. Para além dos crimes pessoais, há uma reflexão sobre os mecanismos de poder, controle e vulnerabilidade que estão presentes em ambientes de alta visibilidade.

## REFERÊNCIAS

**ABC NEWS.** *Inside the mind of serial killer who murdered fashion icon Gianni Versace.* ABC News, 2017. Disponível em: <https://abcnews.go.com/US/inside-mind-serial-killer-murdered-fashion-icon-gianni/story?id=48459029>.

**ARAÚJO, Maria Leticia Cruz de.** *Consumo, moda e valores do contemporâneo: um estudo da marca Gucci.* 2020. Monografia (Especialização em Estética e Gestão de Moda) — Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://moda.eca.usp.br/>

**BBC NEWS.** *Andrew Cunanan: inside the mind of a serial killer.* BBC, 29 jul. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/audio/play/w3ct5yqt>.

**BBC NEWS BRASIL.** *Assassinato de Maurizio Gucci: relembre o caso que chocou o mundo da moda.* BBC News Brasil, 1 out. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59419332>.

**BRESSAN, Flávio.** *O método do estudo de caso.* 2023. Artigo científico. Disponível em: <https://www.researchgate.net/>

**CAMPOS, Carmen Hein de.** *Feminicídio no Brasil: uma análise crítico-feminista.* Sistema Penal & Violência, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 103-115, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/2177-6784.2015.1.20275>

**CAPEZ, Fernando.** *Curso de Direito Penal.* 30. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

**DIAS, Solange Irene Smolarek.** *Olimpo da moda: vinte estilistas que definiram a indústria global.* 2024. Disponível em: <https://www4.fag.edu.br/anais-2024/>

**DUARTE, A. Y. S.; DE BRITO, I. J. G.; SILVA, J. A.; DE PAULA MORALES, M.; RAMOS, J. B. A.** *Essência da moda – Versace.*

**EL PAÍS.** *Allegra Gucci opens up about her father's murder.* El País, 15 mar. 2022. Disponível em: <https://english.elpais.com/culture/2022-03-15/allegra-gucci-opens-up-about-her-fathers-murder-my-mother-is-attracted-to-darkness.html>.

**ELLE BRASIL.** *Gianni Versace: trajetória*. Elle Brasil, 2024. Disponível em: <https://elle.com.br/moda/gianni-versace-trajetoria>.

**ELUF, Luiza Nagib.** *A paixão no banco dos réus*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

**ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA.** *Gianni Versace*. Britannica, 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Gianni-Versace>.

**FASHION NETWORK.** *Allegra Gucci rompe silêncio, 27 anos após assassinato do pai*. Fashion Network, 2025. Disponível em: <https://br.fashionnetwork.com/news/Allegra-gucci-rompe-silencio-27-anos-apos-assassinato-de-seu-pai,1386743.html>.

**FASHION VICTIM: LAST OF THE GUCCIS.** *Documentário*. Direção: Andrew Webb. Itália: Fiamma Montagu, 1998. Disponível em: Prime Video.

**FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION (FBI).** *Serial killers, part 6: Andrew Cunanan*. FBI, 2019. Disponível em: <https://www.fbi.gov/news/stories/serial-killers-part-6-andrew-cunanan>.

**FOLHA DE S.PAULO.** *Caso Gianni Versace*. Folha de S.Paulo, 20 jul. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft200719.htm>.

**FOLHA DE S.PAULO.** *Caso Maurizio Gucci: julgamento do século*. Folha de S.Paulo, 4 nov. 1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft04119815.htm>.

**FORDEN, Sara Gay.** *Casa Gucci*. São Paulo: Editora Seoman, 2021.

**GETTY IMAGES.** *Gianni Versace murder*. Disponível em: <https://www.gettyimages.com.br/search/2/image?phrase=gianni+versace+murder>

**GETTY IMAGES.** *Versace 1991*. Disponível em: <https://www.gettyimages.com.br/search/2/image?phrase=versace+1991>

**HARPER'S BAZAAR.** *The history of haute couture.* Harper's Bazaar, 2023.

Disponível em: <https://www.harpersbazaar.com/uk/fashion/a31123/the-history-of-haute-couture/>.

**INFOMONEY.** *Feminicídios crescem e batem recorde em meio a queda geral da violência no país.* InfoMoney, 24 abr. 2025. Disponível em:

<https://www.infomoney.com.br/brasil/feminicidios-crescem-e-batem-recorde-em-meio-a-queda-geral-da-violencia-no-pais/>

**LIMA, Bruna Aniez Conti da Silva.** *It's Versace, not Versaci: uma análise do marketing da grife italiana Versace com base no maior evento de moda do mundo, o Met Gala.* 2022. Monografia (Especialização em Estética e Gestão de Moda) — Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Disponível em: [https://moda.eca.usp.br/monografias/2022/Bruna\\_Aniez.pdf](https://moda.eca.usp.br/monografias/2022/Bruna_Aniez.pdf).

**MARTIN, Richard.** *Gianni Versace.* Nova York: Metropolitan Museum of Art, 1998.

**O AVCRIME.** *Andrew Cunanan: na trilha da loucura.* O AV Crime, 13 set. 2018.

Disponível em: <https://oavcrime.com.br/2018/09/13/serial-killers-andrew-cunanan-na-trilha-da-loucura/cunanan-02/>.

**OH, Yun-Jeong; KIM, Ji-Young.** *A study on Gianni Versace's idea source for fashion design.* *Journal of the Korean Society of Costume*, v. 61, n. 8, 2011.

Disponível em: <https://koreascience.kr/article/JAKO201107654736801.pdf>.

**ORTH, Maureen.** *Vulgar favors: Andrew Cunanan, Gianni Versace, and the largest failed manhunt in U.S. history.* Nova York: Delacorte Press, 1999.

**PEOPLE MAGAZINE: CRIMES DA MODA.** *Série de TV.* Direção: Emily Dillon Berry. Produção: Jessica Horowitz, Elizabeth Massie, Andrew Wiesner, Robert Baltazar. Estados Unidos: Time-Life Productions Inc., 2018. Disponível em: Prime Video e HBO Max.

**QUERIDO CLÁSSICO.** *Assassinato de Maurizio Gucci: a história real.* Querido Clássico, 2021. Disponível em:

<https://www.queridoclassico.com/2021/09/assassinato-maurizio-gucci-historia-real.html>.

**RIBEIRO, Gabriel Luiz de Jesus; SANTOS, Analice Aparecida dos.** *Uma análise psicossocial da história de Andrew Cunanan: um estudo exploratório.* *Revista Científica Online*, v. 14, n. 6, 2022. Disponível em: <https://www.atenas.edu.br/uniatenas>.

**RODRIGUES, Ana G. et al.** *Relacionamentos abusivos e manifestações de violência contra a mulher.* *Revista Universo Acadêmico*, v. 32, n. 1, p. 25-49, 2020. Disponível em: <https://multivix.edu.br/revista-universo-academico>.

**SOAR, Matthew.** *Andrew Cunanan in the houseboat with the bloody Versace scarf.* *Jump Cut*, n. 43, p. 48-55, 2000. Disponível em: <https://www.ejumpcut.org/archive/>.

**SUPER INTERESSANTE.** *Retrato falado Andrew Cunanan.* Super Interessante, 2024. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/retrato-falado-andrew-cunanan/>.

**THE GUARDIAN.** *The Gucci wife and the hitman: fashion's darkest tale.* The Guardian, 24 jul. 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/fashion/2016/jul/24/the-gucci-wife-and-the-hitman-fashions-darkest-tale>.

**TIME.** *Gianni Versace and Andrew Cunanan: a deadly connection.* Time, 27 dez. 2018. Disponível em: <https://time.com/5092574/gianni-versace-andrew-cunanan/>.

**VEJA.** *Casa Gucci: a verdade sobre a guerra em família que terminou em tragédia.* Veja, 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/e-tudo-historia/casa-gucci-a-verdade-sobre-a-guerra-em-familia-que-terminou-em-tragedia/>.